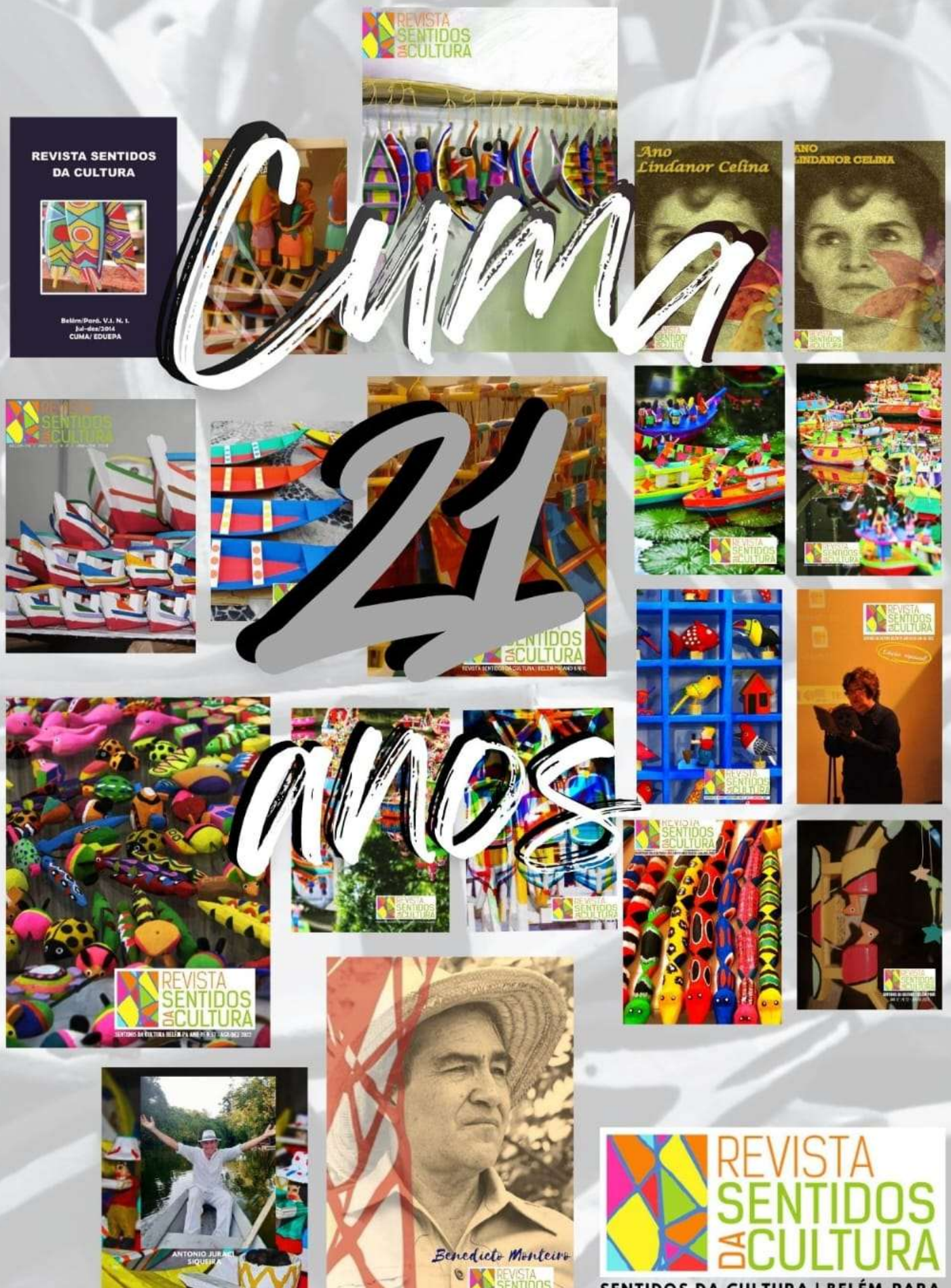

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA
Belém/Pará. V.1. N. 1. Jul-dez/2014
CUMA/ EDUEPA
CUMA
21
ANOS
Ano Lindanor Celina
ANO LINDANOR CELINA
Benedicto Monteiro
ANTONIO JURACI SIQUEIRA
REVISTA SENTIDOS DA CULTURA
SENTIDOS DA CULTURA | BELÉM-PARA
ANO 12 | N 23 - AGO-DEZ 2025

Universidade do Estado do Pará
Reitor
Clay Anderson Nunes Chagas

Vice-Reitor
Ilma Pastana Ferreira

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP)
Luanna de Melo Pereira Fernandes

Pró-Reitora de Graduação (PROGRAD)
Acylena Coelho Costa

Pró-Reitora de Extensão (PROEX)
Higson Rodrigues Coelho

Pró-Reitor de Gestão e Planejamento (PROGESP)
Carlos José Capela Bispo

Diretor do Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE)
Frederico da Silva Bicalho

Coordenador da Editora da UEPA (EDUEPA)
Nilson Bezerra Neto

Líderes do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA)
Dia Ermínia da Paixão Favacho
Nazaré Cristina Carvalho

Editoras da Revista
Dia Ermínia da Paixão Favacho
Josebel Akel Fares
Maria Roseli Sousa Santos

Editoras do V.12, N.23
Mailson Soares
Dia Ermínia da Paixão Favacho

Conselho Editorial
Mailson de Moraes Soares
Marcia Daniele dos Santos Lobato
Marco Antônio da Costa Camelo
Nazaré Cristina Carvalho
Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos

Projeto Gráfico:
Jamile Freitas Machado
Maria Roseli Sousa Santos

Foto de capa
Cristina Carvalho

Equipe de revisão
Jessiléia Guimarães Eiró
André Monteiro Diniz
Délcia Pereira Pombo

Secretaria
Ana Maria de Carvalho

Comitê Científico
Prof. Dr. Allison Marcos Leão da Silva, UEA, BR
Profª. Drª. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, UNB, BR
Prof. Dr. Antônio Clarindo Barbosa de Souza, UFCG, BR
Profª. Drª. Christiane Stallaert, Universidade de Antuérpia, Universidade de Leuven, BE
Prof. Dr. Ernani Chaves, UFPA, BR
Prof. Dr. Frederico Garcia Fernandes, UEL, BR
Prof. Dr. José Guilherme dos Santos Fernandes, UFPA, BR
Profª. Drª. Maria Helena Menna Barreto Abrahão, PUCRS, BR
Prof. Dr. Mario Cézar Silva Leite, UFMT, BR
Profª. Drª. Nádia Regina Barbosa da Silva, Universidade Católica de Petrópolis/ Profª. Da Universidade Estácio de Sá/RJ, BR
Prof. Dr. Roberto Vecchi, Universidade de Bolonha, IT

Política Editorial.

Sentidos da Cultura é um periódico semestral do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA), que publica artigos, relatos de experiência, entrevistas, resenhas, no campo referente às linhas de pesquisa do Núcleo, ligadas às áreas de letras, linguística, artes, ciências humanas e sociais, incluindo educação/ensino, com contribuições de autores brasileiros e estrangeiros. A nomeação da revista Sentidos da Cultura é uma escolha originária de projetos do Núcleo, que objetivam promover espaços de disseminação de estudos, pesquisa e reflexão sobre a cultura, trocas de experiência e estímulo à produção intelectual. Cultura, eixo temático, é entendida como amálgama de elementos materiais ou imaginários construídos ou modificados por homens e mulheres que dão forma às sociedades. No CUMA, tentamos visibilizar essa pluralidade cultural na organização das linhas de pesquisa, composta de Audiovisual, Diversidade Linguística, Estudos em PLE/PLA(Português como Língua Estrangeira/ Língua Adicional); Memória e História, Ludicidade, Poéticas, Contadores de Histórias e ainda aberto para novas possibilidades. Na capa, a cada edição, trará um brinquedo de miriti, que representa a cultura ribeirinha materializada em forma de brinquedo, que tem como matéria prima o braço da palmeira do miritizeiro, cujo nome científico é *Mauritia flexuosa*. São canoas, barcos, pássaros, borboletas, cobras, elementos da fauna e da flora amazônica, cenas do cotidiano ribeirinho, que ganham forma nas mãos dos artesãos.

Revista Sentidos da Cultura
Universidade do Estado do Pará/ Centro de Ciências Sociais e Educação
Trav. Djalma Dutra, s/n, Bloco IV Telégrafo- Belém-PA.
CEP: 66.113-010 Fone: (91) 4009-9561.
Email: sentidosdaculturarevista@gmail.com
https://periodicos.uepa.br/index.php/sentidos

Editora da Universidade do Estado do Pará
Tv. Dom Pedro I, 519- Umarizal- CEP: 66.050-100- Belém-PA-Brasil
Fone/Fax: (91) 3222-5624- E-mail: eduepa@gmail.com
www.uepa.br/eduepa

Semestral ISSN- Eletrônico: 2359-3105.
Revista Sentidos da Cultura/ Universidade do Estado do Pará.
V.12, N.23. Belém: EDUEPA, Ago./Dez. 2025.

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

SUMÁRIO

Editorial

5. CUMA 21 ANOS: Celebre para viver! Viva para celebrar!
Mailson Soares, Dia Favacho

Artigos

8. CUMA: recortes de 20 anos de memória e história
Jessiléia Guimarães Eiró

15. Estética da Recepção e Literatura Amazônica: Uma formação repleta de memórias, culturas e afetos no CUMA
Wellingson Valente dos Reis

29. Breve olhar sobre Belém do Grão-Pará
Paulo Maués Corrêa

43. Poéticas da Memórias
Afonso Medeiros

Depoimentos

51. Quase Memória
Renilda Rodrigues Bastos

58. CUMA: uma escola
Advaldo Castro Neto

58. **Às companheiras e aos companheiros do CUMA**
João Colares da Mota Neto

CUMA: memória cultural com tradução afet
Tereza Cristina Vasconcelos de So

62. **Pertencer para celebrar: Entre encontros e memórias uma carta ao CUMA**
Helena Ferreira Rebelo
Sheyla Campos Almeida

64. **Semovências e Permanências: um breve relato sobre o cotidiano da pesquisa sensível no Núcleo CUMA**
Naira Kamekran
Roberta Isabelle Bonfim Pantoja

72. **Nós, No Seminário do CUMA?!**
Fernando Farias

CUMA 21 ANOS: Celebre para viver! Viva para celebrar!

Sem Vida não há escritura!

Não há episteme

Nem academia

Ou fazer científico

Crendo firmemente na vocação sensível do Núcleo de Pesquisas Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA) em seus anos de existência como um marco de fazer ciência na Amazônia paraense, com suas pesquisas, compartilhamentos, afetos e aprendizados, o presente volume da Revista Sentidos da Cultura celebra esta trajetória.

E, assim, os textos que ora apresentamos contam um tanto desta história, são rememorações, estudos, carta, depoimentos que bem ao modo do CUMA constituem-se presença-colaboração e parte essencial deste rito celebrativo.

De tal modo, abrimos a Revista com o relato da professora **Jessiléia Guimarães Eiró** que apresenta um breve registro histórico desde a criação do, primeiramente, Grupo de Pesquisa CUMA, até sua constituição como Núcleo de Pesquisa. De forma sensível, competente e generosa, a autora nos abrevia os instantes primaveris do CUMA e sua jornada até os dias de hoje, evidenciando os objetivos, trajetos estruturais, acadêmicos e epistêmicos deste Núcleo de Pesquisa que congrega em si tantos e potentes fazeres, em mais de duas décadas de existência.

Wellingson Valente dos Reis narra sua formação acadêmica junto ao CUMA, articulando memória oral de Belém, literatura amazônica e mediação de leitura, nesse interim enfatiza que a literatura amazônica, trabalhada pela recepção, pode resistir às lógicas tecnicistas e atuar na construção de identidades locais e na crítica social na educação básica.

Paulo Maués Corrêa elabora um texto a partir de uma comunicação oral apresentada em um evento virtual do CUMA, em janeiro de 2021, como forma de marcar o aniversário do escritor Dalcídio Jurandir e da cidade de Belém, levando também em consideração outro tema relacionado e de extrema relevância para nossa História: a Cabanagem.

Renilda Rodrigues Bastos abre a sessão depoimentos. Como boa contadora de histórias, narra os momentos nascedouros do CUMA e o primeiro desafio enfrentado: encontrar um espaço para o grupo, uma sala onde pudessem se reunir e dar seguimento

às suas atividades, ela vaga pela memória junta às fundadoras e primeiros membros do CUMA em busca de um lugar para fincar sua bandeira, é um delicioso passeio pela recordação, que faz refletir sobre os desafios de se fazer ciência na Amazônia.

João Colares da Mota Neto escreve uma carta em comemoração dos 21 anos do CUMA, e, assim manifesta seu carinho e admiração pelo Núcleo de Pesquisa e destaca a importância do CUMA para as artes e para a ciência na Amazônia e no Brasil. A ressaltar suas descobertas acadêmicas junto ao CUMA, descreve ele, características que são caras e inerentes ao Núcleo de Pesquisa: "dá pra viver a universidade sem o pedantismo costumeiro. Dá pra construir conhecimento com afeto, alegria e generosidade".

Advaldo Castro Neto ao escrever sobre o CUMA, o faz de um lugar especial, o de filho de sua fundadora, a professora Josebel Akel Fares. Ou como ela prefere, Bel Fares, conhecida carinhosamente como a mãetinta mor de uma geração profícua que estuda as memórias e culturas amazônicas. O autor assim discorre mencionando diversos nomes daqueles que compõem a família CUMA e tantos aprendizados e companheirismo afetuoso acadêmico.

Tereza Cristina Vasconcelos de Souza ao relembrar seu encontro com o Núcleo de Pesquisa Memórias e Culturas da Amazônia – CUMA, destaca que este fora como uma verdadeira volta ao passado estudantil, retomando sua caminhada acadêmica aos quase 60 anos, ao iniciar o mestrado em educação na Universidade do Estado Pará, retomada afetivamente ligada ao nome da professora Bel fares companheira de anos de militância política, desde os tempos de luta contra a ditadura militar, como as empreitadas em prol de melhorias da educação e do acesso a um ensino público de qualidade, sempre sustentando o sonho de uma sociedade igualitária, democrática e fraterna.

Helena Ferreira Rebelo e Sheyla Campos Almeida apresentam um relato sobre a vivência no Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA), destacando experiências de acolhimento, construção coletiva e celebração da cultura amazônica. A narrativa descreve as dinâmicas de convivência, as reuniões interdisciplinares e a participação no XX Seminário do CUMA como momentos fundamentais para a compreensão do pertencimento e da memória coletiva.

Naira Kamekran e Roberta Isabelle Bonfim Pantoja em seu texto depoimento ressaltam a importância do CUMA pelo que mais se preza nesta família acadêmica: ser um espaço dentro da universidade em que se possa viver o acolhimento, o sensível, a multidisciplinaridade interligados e assegurados pelo rigor cientifico, sem nunca perder

de vista o lugar do afeto. Movências em que a única urgência que se prioriza é a de alinhar as agendas de seus integrantes e assegurar que construam seu espaço da graduação dentro do CUMA, como partilha e produção de conhecimento.

E finalizamos este número especial da Sentidos da Cultura com o professor **Afonso Medeiros** e a transcrição de sua conferência realizada em 2018 no XIII Seminário do CUMA. De forma brilhante e irreverente, o autor discute desde Aristóteles, passando por Fernando Pessoa e Liev Tolstói, como a arte funciona em sua reorganização criativa. Assim, em uma imbricada rede de conexões, o conferencionista demonstra como a arte transforma memórias individuais (particulares) em algo universal, resolvendo assim a tensão entre poética e história. O texto afirma que o artista usa diferentes níveis de memória (genética, inconsciente e consciente) para criar obras que emocionam e "contaminam" o público. Longe de padrões dominantes, mas sempre visando uma pluriversalidade, que em suma, através a arte reorganiza memórias e as devolve ao mundo como experiência universal, ligando indivíduo e coletividade.

Boa leitura a todos!

Editores: Mailson Soares e Dia Favacho

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

CUMA: recortes de 20 anos de memória e história

CUMA: clippings from 20 years of memory and history

Jessiléia Guimarães Eiró
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-PA

Resumo
Este artigo apresenta um relato das memórias do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas-CUMA. O objetivo é celebrar os 20 anos de sua trajetória profícua no fazer pesquisa séria, comprometida e plena de afetividade nas diversas áreas de estudo abraçadas pelo Núcleo, na busca em descrever, divulgar e registrar os resultados do trabalho árduo dos pesquisadores que o compõem. Apresentamos um breve registro histórico desde a criação do, primeiramente, Grupo de Pesquisa CUMA, até sua constituição como Núcleo de Pesquisa. O presente artigo não poderia ser construído sem a contribuição dos registros escritos e de memória da Profa. Dra. Josebel Akel Fares e dos arquivos em anais, folders/flyers e anotações da equipe que constrói esse Núcleo com seus talentos e tempo, um 'co-laborar', no sentido de 'laborar com o outro, para o outro, pelo outro'.

Palavras-chave: CUMA; Memórias; História.

Abstract
This paper presents an account of the memories of the Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas- CUMA. The objective is to celebrate 20 years of its fruitful career in doing serious, committed, and affective research in the various areas of study embraced by the *Núcleo*, in the search to describe, disseminate, and record the results of the hard work of its researchers. We present a brief historical record from the creation of CUMA as a research group to its constitution as a research nucleus. This paper could not have been constructed without the contribution of the written records and memory of Professor Dr. Josebel Akel Fares, and the files in annals, folders/flyers, and notes of the team that built this Nucleus with their talents and time, a 'co-laboring', in the sense of 'working with the other, for the other, by the other'.

Keywords: CUMA; Memory; History.

Introdução

"O fundamento do tempo é a memória".
Gilles Deleuze

"A memória é a consciência inserida no tempo".
Fernando Pessoa

Este artigo se constitui do resgate da memória e da história do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas-CUMA, no contexto de celebração dos seus 20 anos de existência concretizada em pesquisas nas diversas áreas de estudos contempladas pelas diversas linhas que o formam e nos grupos que nele se abrigam. Não pretendemos um retrospecto exaustivo porque nem mesmo uma coletânea de livros seria capaz de registrar tudo o que tem sido feito pelos pesquisadores, professores e estudantes, ao longo destas duas décadas. Nosso objetivo é resgatar, para registrar, o início de tudo e apresentar, em linhas bem gerais, um retrato panorâmico do que é o CUMA e, de forma prospectiva, antever o que ele continuará sendo, transformando-se e aos seus membros e seguindo por ser espaço de pesquisa sensível.

Uma nota quase editorial para explicar a escolha da primeira pessoa do plural como a pessoa do discurso deste relato que, à semelhança da figura de Janus, olha, em retrospectiva, para o passado e, em prospectiva, vislumbra o futuro. A pessoa deste discurso não poderia ser outra se não 'nós' porque é inclusiva, partilhadora; porque é plural, no que tange à quantidade dos que têm feito o CUMA e porque expressa a unidade na diversidade. CUMA é 'nós', 'nós' somos o Cuma.

Por experiência própria e no compartilhamento de boa parte desses 20 anos, percebemos como pesquisa sensível a pesquisa que se centra no humano, nas relações entre pares, nas trocas entre saberes, no respeito e no princípio da alteridade. Em oposição à quantidade de produção apenas para compor índices, alcançar metas tantas vezes descomprometidas com a qualidade, estabelecer hierarquia perversa entre os saberes de uma forma quase que comercial, fria e destituída de vida, que, muitas vezes, redunda em segregação e preconceito.

A história do CUMA está, portanto, aqui, brevemente tecida para dar uma ideia, ainda que apenas tocando a superfície, da produção que brotou e segue brotando do compromisso dos que têm feito o Núcleo ser o que é. Para tanto, organizamos este relato em: 1 O Início de Tudo: registro escrito e de memórias da Bel; 2 CUMA: de Grupo de Pesquisa a Núcleo de Pesquisa; 3 Os Seminários Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e Proposições; e, a título de conclusão do texto como aporte físico do presente registro, 4 A continuação de Tudo: o que está por ser registrado.

Isso posto, os convidamos a rememorar conosco as nossas memórias, mas, pedimos que prestem atenção na placa de entrada desta incursão: em construção!

O Início de Tudo: registro escrito e de memórias da Bel

No início dos anos 2000, havia poucos doutores na nossa instituição, o que de alguma maneira, impedia o crescimento dos professores na área da pesquisa, um dos tripés de qualquer IES.

Íamos voltando devagar das nossas formações acadêmicas, e, nesta medida, articulando possibilidades de trabalho para além do ensino de graduação. Foi assim, que, mais precisamente em 2003, um grupo de professores do CCSE-UEPA, composto inicialmente pelas profas. Venize Rodrigues, Renilda Bastos, Betania Albuquerque e Josebel Fares começou a rabiscar um plano de trabalho para a implantação de um grupo de estudos sobre as Diversidades Culturais Amazônicas, que congregasse pesquisa, ensino e extensão.

Na fase de estruturação do grupo, como objetivos pensou-se em: 1. Inventariar a produção de alunos e professores, a partir da Universidade do Estado do Pará, fossem Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações, teses e outros trabalhos produzidos ou publicados. Montar um banco de dados com o material produzido pelo corpo técnico, docente e discente, inicialmente na UEPA e, posteriormente, em outras instituições. 2. Congregar professores e alunos que trabalhassem na linha da cultura, nas suas diversas dimensões, como a artística, a educacional, a antropológica, a filosófica, a histórica, a geográfica, a sociológica, a linguística. 3. Elaborar projetos de pesquisa, ensino e extensão, para as chamadas projetos UEPA/2004, e a inserção de grupos de pesquisas institucionais, em nível federal, estadual e municipal. 4. Constituir institucionalmente um Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Diversidade Cultura Amazônica, composto por projetos de professores e alunos da UEPA e de instituições convidadas, para encaminhar discussões, por meio de seminários, colóquios, congressos locais, regionais, nacionais ou internacionais, publicações periódicas.

O Grupo de Pesquisa teria a participação de professores e estudantes de graduação – das Práticas Intermediárias do curso de Formação de Professores, bolsistas de projetos de pesquisa e extensão – que trabalhassem "na linha da cultura, nas suas diversas dimensões, como a artística, a educacional, a antropológica, a filosófica, a histórica, a geográfica, a sociológica, a linguística" (Cf. o segundo objetivo específico descrito acima).

As Linhas de Pesquisa, nesse primeiro momento, eram:

- Arte, cultura e educação
- Etnias e identidades
- Meio ambiente e educação
- Memória e história.

Enquanto essa discussão acontecia, corríamos à Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-graduação para efetivar o cadastro do grupo pretendido. E os professores idealizadores da proposta reuniam-se a fim de definir o nome do Grupo de Pesquisa e discutir um plano de trabalho. Como resultado

do trabalho conjunto de mentes, mãos e corações, o assim nomeado Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA) foi cadastrado no CNPq no dia 13 de dezembro de 2003. Vivaaaa!

Assim, o Cuma, como grupo de estudos e pesquisas registrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e vinculado às Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP), Ensino (PROGRAD) e Extensão (PROEX), da Universidade do Estado do Pará (UEPA), começou com a elaboração de projetos e com a busca por parcerias para o desenvolvimento de ações pretendidas.

CUMA: de Grupo de Pesquisa a Núcleo de Pesquisa

O CUMA, então, buscou e busca congregar professores e alunos de diferentes cursos de graduação e pós-graduação da UEPA, ligados, especialmente, ao Centro de Ciências Sociais e Educação (CCSE). Sua organização visa construir redes entre diversos saberes amazônicos. Cultura, eixo temático, é entendida como amálgama de elementos materiais ou imaginários construídos ou modificados por homens e mulheres que dão forma às sociedades. Essa pluralidade cultural da região instiga os participantes a pensarem o lugar das mesclas, os processos de mestiçagens, de hibridação, a crioulidade e a herança indígena, africana e ibérica das gentes, com suas manifestações artísticas, religiosas e linguísticas, entre outras.

Devido ao crescimento e adensamento de suas ações de pesquisa e extensão, e profícua contribuição para a formação dos graduandos participantes dessas ações, o CUMA passou da categoria de grupo de pesquisa vinculado à UEPA para a de Núcleo de Pesquisa, com vinculação direta às instâncias superiores da UEPA.

Atualmente, o Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA) é formado pelas seguintes linhas de pesquisa:

- **Audiovisual**. Promove estudos sobre a linguagem cinematográfica, bem como estuda a história do cinema das origens a atualidade, incluindo a estética e os movimentos cinematográficos. Objetiva-se ainda refletir sobre a produção cinematográfica na Amazônia e promover trabalhos que incidam sobre o fazer e o olhar imagens.
- **Diversidade Linguística**. Focaliza a língua falada na região amazônica, que, como todas as línguas do mundo, não se apresenta de maneira uniforme, antes expressa a diversidade cultural por meio das variações linguísticas, resguardando a identidade de um povo e sua história.
- **Estudos em PLE/PLA** (Português como Língua Estrangeira/ Língua Adicional). Estudo descritivo-analítico do Português Língua Estrangeira-PLE e do Português Língua Adicional- PLA e seu processo de ensino-aprendizagem - aspectos políticos, sociais, afetivos, linguísticos e metodológicos - em contexto Amazônico e internacional, com vistas à expansão de sua disseminação e ao desenvolvimento da competência interacional de seus aprendentes sob uma perspectiva multicultural.
- **Ludicidade**. Pesquisa e promove as manifestações do lúdico, enquanto elemento fundamental da dimensão humana, como atitude, modo de ser e estar perante a vida e

cotidianidade. A linha preocupa-se em recolher, catalogar e estudar formas do brincar, jogos e brincadeiras do tradicional ao contemporâneo.

- **Memória e História.** Registra, preserva, documenta e (re)constrói as memórias de pessoas e grupos sociais que vivem no espaço cultural amazônico, desenhando cartografias socioafetivas por meio de depoimentos e demais vestígios da presença humana nas diversas temporalidades.
- **Poéticas.** Investiga e reúne textos de expressão da cultura amazônica, nas diferentes expressões artísticas tradicionais e contemporâneas, com vistas à elaboração de cartografias de estudos na área, bem como a construção e divulgação de experiências estéticas.

Grupo de Pesquisa Contadores de Histórias com as linhas de pesquisas:

- As poéticas orais e os contadores de histórias.
- Os contadores de histórias urbanos e suas bases de profissionalização.

Os Seminários Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e Proposições

A partir de 2006, o resultado dessas ações começou a ser compartilhado anualmente num evento especial intitulado Seminário Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e Proposições, que, hoje, está inserido no Projeto de Extensão Sentidos da Cultura: temas, teóricos, enfoques. O objetivo dos Seminários anuais é o de socializar e avaliar os diferentes trabalhos de pesquisa, ensino e extensão realizados no ano em curso com o fim de construir perspectivas de ação para o ano seguinte.

Esses encontros felizes porque eficazes no seu propósito, os Seminários Anuais, acontecem de forma presencial e são oportunidade ímpar para avaliação das produções acadêmicas numa ação responsável de caráter retrospectivo e prospectivo porque, no resgate do que foi realizado, constrói-se o fundamento para o que ainda precisa ser feito. São encontros felizes também porque o compartilhamento transcende a produção acadêmica. Os sujeitos pesquisadores, após um ano letivo de árduo trabalho, podem encontrar água fresca e alimento no reencontro marcado por abraços e afetos, o melhor combustível para começar tudo de novo no ano que se insinua.

A única exceção para o congraçamento presencial foi o triste e desalentador momento da crise pandêmica que assolou o mundo. O Seminário de 2020 então foi virtual, como virtual foi a vida, e, ainda que virtualmente, ninguém largou a mão de ninguém. Talvez os abraços tenham sido os mais expressivos porque, mesmo no isolamento e pelo recurso das câmeras de seus dispositivos, os participantes do Núcleo podiam ver os sorrisos nos lábios e nos olhos uns dos outros sem o embaraço das máscaras que protegeram, mas foram um lembrete de que a morte andava ao redor. E, mesmo longe do alcance dos braços, as mentes e os corações estavam unidos, o que foi fundamental para esperar a tempestade passar e ela passou!

A primavera sempre sucede o inverno, não importa quão rigoroso ele tenha sido. Assim, no reencontro real, os machucados remanescentes pelas perdas sofridas foram um tanto tratados e a vida foi celebrada.

As vicissitudes de tempos difíceis não foram barreiras, apenas desaceleraram um pouco o ritmo dos passos, mas não interromperam a caminhada, como é possível ver no quadro a seguir, que apresenta os temas dos seminários anuais de 2006 a 2025.

Quadro: Seminários Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e Proposições

ANO	EVENTO	PERÍODO	TEMA
2006	I	15 de dezembro	Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e Proposições
2007	II	13 de dezembro	Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e Proposições
2008	III	18 de dezembro	Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e prospecção
2009	IV	09 e 10 de dezembro	Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e prospecção
2010	V	02 de dezembro	Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e prospecção
2011	VI	01 e 02 de dezembro	Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e prospecção
2012	VII	13 de dezembro	Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e prospecção
2013	**VIII**	**11 a 13 de dezembro**	**Seminário CUMA 10 Anos: Por uma Educação da Sensibilidade**
2014	IX	27 e 28 de novembro	Culturas e Memórias Amazônicas: Avaliação e prospecção
2015	X	15 e 16 de dezembro	Seminário Anual do CUMA Raízes Culturais em Expansão
2016	XI	01 e 02 de dezembro	Seminário Anual do CUMA Sentidos em Aberto
2017	XII	29 e 30 de dezembro	Culturas e Memórias Amazônicas: Ano Lindanor
2018	**XIII**	**12 a 14 de dezembro**	**15 Anos do CUMA Poéticas da Memória**
2019	XIV	12 e 13 de dezembro	Seminário Anual do CUMA "Preciso unir minha voz a outras vozes, olhar de frente"- Eneida
2020	XV	02 e 03 de dezembro	Seminário Anual do CUMA Narrativas: vibrações e silêncios *Online*
2021	XVI	01 a 03 de dezembro	XVI Seminário do CUMA VI Seminário Brasileiro de Poéticas Orais
2022	XVII	30 de novembro a 01 de dezembro	Seminário do CUMA *Escrituras desassossegantes*
2023	**XVIII**	**12 e 13 de dezembro**	**CUMA 20 anos**

2024	XIX	05 e 06 de dezembro	CUMA 21 ANOS: poéticas de matas, rios, terras e gentes
2025	XX	23 de outubro	A Amazônia nasce sob a égide do mito

A continuação de Tudo: o que está por ser registrado

O Núcleo de pesquisa CUMA, instância da UEPA, foi coordenado pela Prof.a Dra. Josebel Akel Fares, ou amorosamente Bel, até o ano de 2013. Na corrida, o bastão foi passado oficiosamente para a Prof.a. Dra. Dia Ermínia Paixão Favacho, ou amorosamente Dia. A "oficialização", no que diz respeito a seguir o protocolo institucional, dessa passagem constitui-se a culminância maior dentre todas as culminâncias tão características dos eventos do CUMA do seminário de 20 anos.

Como na sua gênese, o hoje Núcleo segue sendo resultado do trabalho coordenado de muitas mentes, muitas mãos e muitos corações na busca por fazer pesquisa séria, relevante, de qualidade e sensível.

Vida longa ao CUMA!!!

SOBRE A AUTORA
Jessiléia Guimarães Eiró: Doutora em Letras, Universidade de São Paulo (2020), Docente Adjunta da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Integrante do Núcleo Culturas e Memórias Amazônicas (UEPA/CNPq), coordenadora da Linha de Pesquisa Estudos em PLE/PLA (Português como Língua Estrangeira/ Língua Adicional).

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3136-9671
E-mail: jessileia.eiro@uepa.br

Recebido: 11/03/2025

Aprovado: 25/06/2025

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Estética da Recepção e Literatura Amazônica: Uma formação repleta de memórias, culturas e afetos no CUMA

Estética de la Recepción y Literatura Amazónica: Una formación llena de memorias, culturas y afectos en el CUMA

Wellingson Valente dos Reis
Instituto Federal do Pará-IFPA
Belém-PA

Resumo

O texto narra a formação acadêmica do autor no CUMA/UEPA, articulando memória oral de Belém, literatura amazônica e mediação de leitura, e analisa a condição subalternizada da Literatura de Expressão Amazônica na escola. Destacam-se marcos institucionais e o papel do ENEM na marginalização dessa literatura no currículo. Com base na Estética da Recepção, defende-se a centralidade do leitor e da experiência estética. A partir de Jauss (1979, 1994), Iser (1996), Zilberman (2001, 2004) e Bakhtin (2011), a leitura literária é apresentada como prática ética e cognitiva, que amplia a autoconsciência e a compreensão do mundo. Sustenta-se que a literatura amazônica, trabalhada pela recepção, pode resistir às lógicas tecnicistas do ENEM e atuar na construção de identidades locais e na crítica social na educação básica.

Palavras-chave: Memória; Literatura Amazônica; Recepção.

Resumen

El texto narra la formación académica del autor en el CUMA/UEPA, articulando memoria oral de Belém, literatura amazónica y mediación de lectura, y analiza la condición subalternada de la Literatura de Expresión Amazónica en la escuela. Se destacan hitos institucionales y el papel del ENEM en la marginación de esa literatura en el currículo. Con base en la Estética de la Recepción, se defiende la centralidad del lector y de la experiencia estética. A partir de Jauss (1979, 1994), Iser (1996), Zilberman (2001, 2004) y Bakhtin (2011), la lectura literaria se presenta como práctica ética y cognitiva que amplía la autoconciencia y la comprensión del mundo. Se sostiene que la literatura amazónica, trabajada desde la recepción, puede resistir a las lógicas tecnicistas del ENEM y actuar en la construcción de identidades locales y en la crítica social en la educación básica.

Palabras-clave: Memoria; Literatura Amazónica; Recepción.

Introdução

O texto em questão narra a trajetória formativa do autor dentro do Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA), em que experiências com memória oral de Belém e mediação de leitura se articulam à pesquisa em literatura amazônica. Na primeira parte do texto, uma espécie de relato de experiência, o autor utiliza a liberdade poética de construir o texto em primeira pessoa, para trazer o tom que gerou o texto, ou seja, um relato que traz na sua essência toda a memória afetiva em relação ao grupo.

Na segunda parte, o texto discute a Literatura de Expressão Amazônica como voz subalternizada no ensino brasileiro, analisando sua inserção histórica em currículos, vestibulares e políticas educacionais no Pará. A centralidade do ENEM tende a reforçar abordagens funcionalistas de leitura e a marginalizar ainda mais a literatura amazônica nas escolas. Apoiado na Estética da Recepção, o autor defende recolocar o leitor no centro do processo, articulando formação crítica, fruição estética e afirmação das memórias e culturas amazônicas.

I

A minha participação no Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA) se configurou como uma grande experiência formadora que articulou a pesquisa em literatura amazônica, a escuta de memórias da cidade de Belém e a prática de mediação de leitura com diferentes públicos.

Quando ingressei no Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA), me aproximei de um ambiente em que a memória da Amazônia, especialmente de Belém, era entendida como um campo de pesquisa legítimo e necessário, articulando história, literatura e cultura a depoimentos de artistas e moradores da cidade. A convivência com docentes e discentes envolvidos em projetos sobre culturas e memórias amazônicas fez com que eu percebesse que a literatura produzida na região não era apenas "conteúdo escolar", mas um modo de pensar o espaço urbano, os conflitos sociais e as identidades em circulação.

No projeto "Memórias de Belém em Testemunho de Artistas" (2005–2006), o CUMA se propôs a desenhar uma cartografia poética da cidade a partir das vozes de artistas de diferentes linguagens: escritores, músicos, atores, artistas visuais, que narravam suas lembranças sobre a Belém de meados do século XX. As entrevistas coletadas permitiram reconstruir quadros do cotidiano urbano marcados por cinemas de

bairro, casas de espetáculo, livrarias, programas de rádio, círio e, sobretudo, pelo impacto da chegada da televisão, tomada como marco histórico para pensar mudanças nos hábitos locais.

A minha participação nesse projeto se deu principalmente na etapa de contato direto com os depoentes e de organização do material produzido, o que significou aprender a ouvir com atenção, registrar falas, transcrever entrevistas e identificar, nas narrativas, os núcleos temáticos que desenhavam a "Belém poética". Na prática, isso me colocou diante de uma cidade que ultrapassava os limites do que os livros didáticos costumavam apresentar: a Belém lembrada pelos artistas incluía espaços de sociabilidade, redes de afetos, conflitos e tensões culturais que raramente apareciam em descrições oficiais.

Ao participar da elaboração de textos e relatórios que resultaram de "Memórias de Belém em Testemunho de Artistas", eu tive a oportunidade de perceber como a memória oral pode ser tratada como fonte histórica e literária, exigindo critérios de seleção, organização e análise. Essa experiência me aproximou de procedimentos de pesquisa qualitativa, como a construção de roteiros de entrevista, a categorização de relatos e a reflexão sobre o lugar do pesquisador frente ao depoente, e me fez compreender que narrar uma cidade é sempre um exercício de escolha, silenciamento e valorização de determinadas perspectivas.

A participação neste projeto gerou outra importante participação na minha vida acadêmica, que foi a elaboração do livro "Memórias de Belém de Antigamente" (EDUEPA, 2018), que representou um olhar dos pesquisadores em relação à pesquisa, tendo como principal aspecto a reconstrução das lembranças da cidade, reunindo relatos, cenas, espaços e personagens que ajudam a compor uma Belém afetiva e histórica.

Ao contribuir com esse tipo de obra, os artistas passaram a integrar uma rede de vozes que documenta modos de viver, circular e sentir a cidade em outros tempos, registrando práticas culturais, hábitos cotidianos e transformações urbanas. Esse gesto de narrar o passado também é um modo de afirmar pertencimento, pois transforma a experiência individual em memória social compartilhada.

A importância dessa participação nesta obra se desdobra em diferentes níveis: cultural e pessoal. Culturalmente, fortaleceu o meu entendimento de que a história da cidade não é feita apenas por grandes eventos, mas também de pequenas lembranças, de ruas, cinemas, mercados, festas, escolas e encontros que marcaram o cotidiano de Belém. Ao nível pessoal, estar presente em Memórias de Belém de Antigamente significou ver

uma valorização de um pesquisador ainda iniciante, que estava escrevendo o seu primeiro artigo, mas que mesmo assim foi reconhecido como um pesquisador do CUMA. Escrever sobre o Círio nesta obra despertou em mim a responsabilidade de querer me tornar um pesquisador na área.

Em seguida, participei do projeto de Iniciação Científica intitulado "LITERATURA: Recepção das Poéticas Amazônicas", concebido para enfrentar duas barreiras principais: o desconhecimento da literatura de expressão amazônica e a distância entre essa produção e seus potenciais leitores. O projeto se ancorou na Estética da Recepção para analisar como estudantes de ensino médio e licenciandos em Letras se relacionavam com textos amazônicos, considerando não apenas a compreensão de enredo e personagens, mas também as expectativas, resistências e identificações provocadas pela leitura.

Nesse contexto, atuei na seleção de obras, na aplicação de atividades de leitura em turmas de ensino médio em Belém e na sistematização das respostas dos alunos, articulando a prática pedagógica com a reflexão teórica. Trabalhamos com textos como o conto "Zeus ou a menina e os óculos", de Maria Lúcia Medeiros, a peça "Lei é lei e está acabado", de Nazareno Tourinho, e o curta-metragem "Chuvas e Trovoadas", de Flavia Alfinito. A pesquisa implicou um trabalho de campo, com abordagem qualitativa, desenvolvido em dois momentos: o primeiro, formado por um grupo focal composto por dez alunos das redes pública e particular de ensino; o segundo, composto por vinte e cinco alunos aprovados no vestibular para o curso de Licenciatura em Letras da Universidade do Estado do Pará, em 2008.

Nas oficinas de leitura, pude verificar que a literatura de expressão amazônica é desconhecida e desprestigiada, tanto em nível regional quanto nacional. Nenhum dos alunos dos grupos focais havia lido ou sequer ouvido falar em Maria Lúcia Medeiros e Nazareno Tourinho. Se, por um lado, essa situação se revela trágica para nós, professores de literatura, por outro, acabou sendo benéfica para o trabalho, pois naquela pesquisa tive a oportunidade de observar o primeiro contato entre esses textos e o leitor.

A experiência de acompanhar as leituras e escutar as avaliações dos alunos mostrou para mim que a recepção de uma obra depende tanto do repertório do leitor quanto das estratégias de mediação adotadas em sala de aula. Ao comparar produções escritas e falas orais dos estudantes, percebi que, quando se criavam espaços de debate e interpretação coletiva, os textos amazônicos ganhavam novas camadas de sentido,

revelando proximidades entre ficção e realidade local que não emergiam em abordagens meramente conteudistas.

A experiencia nos projetos “Memórias de Belém em Testemunho de Artistas” e “Literatura: recepção das poéticas amazônicas” me permitiu articular dois eixos fundamentais: a memória da cidade e a circulação da literatura amazônica na escola. De um lado, as entrevistas com artistas e idosos mostravam como Belém era narrada por quem a tinha vivido intensamente, com ênfase em espaços culturais e experiências coletivas; de outro, a pesquisa de recepção evidenciava como os jovens leitores atualizavam essas mesmas paisagens e conflitos ao entrar em contato com textos literários da região.

Do ponto de vista acadêmico, a participação no CUMA foi o início do caminhar por uma rede de pesquisa que discutia conceitos como memória, identidade, cidade e recepção, resultando em apresentações em eventos, produção de artigos e envolvimento em coletâneas voltadas à valorização de vozes amazônicas. Essa experiência consolidou a minha percepção de que o trabalho intelectual na área de Letras não se limita à análise interna dos textos, mas envolve também os contextos de produção, circulação e leitura, exigindo atenção às condições concretas de acesso à literatura por parte de diferentes públicos, tanto que depois pude fazer meu TCC, meu mestrado e meu doutorado na área da recepção.

No campo profissional, especialmente na docência, as aprendizagens advindas desses projetos repercutiram em práticas pedagógicas que priorizavam a presença de autores amazônicos no planejamento de aulas, bem como o uso de estratégias de leitura que valorizassem a experiência prévia dos estudantes. Ao retomar, em sala, questões discutidas no CUMA, como o apagamento de certas narrativas locais e o estigma de exotização da Amazônia, passei a entender o meu trabalho como professor também como uma forma de intervenção cultural, voltada a ampliar o repertório crítico dos alunos sobre o lugar onde vivem.

Em nível pessoal, a trajetória no CUMA/UEPA significou para mim o fortalecimento de um sentimento de pertencimento à cidade de Belém e à tradição literária amazônica, que passei a reconhecer como campo de estudo complexo e diverso, e não como um apêndice marginal da literatura brasileira. A escuta das memórias de artistas e a observação atenta da recepção de textos por estudantes despertaram em mim a convicção de que histórias e vozes da região precisam ser continuamente registradas,

debatidas e atualizadas, sob pena de permanecerem invisibilizadas nos espaços de formação.

As experiências acumuladas nesses projetos também alimentaram o desejo de dar continuidade à pesquisa em níveis mais avançados, investigando outras dimensões da relação entre literatura, cultura e memória, como a representação de identidades de gênero, de povos tradicionais e de periferias urbanas na produção amazônica contemporânea. A passagem pelo CUMA, assim, não apenas marcou a minha formação inicial, como também delineou um horizonte de atuação futura em que pesquisa, ensino e extensão permanecem articuladas em torno da valorização das culturas e memórias amazônicas.

Hoje transformo em prática pedagógica aquilo que vivi como pesquisador: o cuidado em escutar, o desejo de romper o desprestígio, a alegria de ver um aluno reconhecer a própria paisagem no papel. Assim, meu trabalho no IFPA se faz continuidade daquela experiência: sigo tecendo, com cada turma, uma trama de pertencimento, em que a literatura de expressão amazônica deixa de ser ausência e passa a ser horizonte, espelho e caminho.

Por isso, seguimos agora para a segunda parte deste texto, onde deixo o ar das memórias, a primeira pessoa do relato e mergulho para uma análise mais acadêmica sobre a Literatura de Expressão Amazônica, sua importância e os caminhos desta recepção.

II

A Literatura é uma das várias disciplinas relegadas ao esquecimento no ensino brasileiro, tanto que na maioria das escolas públicas não existe o ensino específico da disciplina, ela normalmente aparece no currículo de Língua Portuguesa, muitas vezes, esquecida pelo professor, quando este não é um apaixonado pelo texto literário.

Se o papel da Literatura é o papel do esquecido dentro do ensino de Língua Portuguesa, o papel da Literatura de expressão amazônica é o papel do subalterno, na condição de subalternidade designada como condição do silêncio, a qual carece necessariamente de um representante por sua própria condição de silenciado (SPIVAK, 2010). A autora pontua que, por um lado, observa-se a divisão internacional entre a sociedade capitalista regida pela lei imperialista e, por outro, a impossibilidade de representação daqueles que estão à margem ou centros silenciados. Diante dessa reflexão, podemos estabelecer um diálogo do pensamento da filósofa aos estudos de análise da

condição subalterna, de uma parte da Literatura. Sobressai aí o questionamento instigante de Spivak: os subalternos podem falar?

Partimos do pressuposto de Spivak, nesse texto, da ideia de que essa Literatura subalternizada pode falar, e cada vez mais está falando, pois há muitos estudos acadêmicos que estão sendo feitos para que essa Literatura possa aparecer no cenário do ensino de Língua Portuguesa na Amazônia.

Um desses estudos está presente nos relatos da professora Josebel Akel Fares (2013), que vivenciou o fortalecimento desta Literatura e a historiciza no artigo *O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola*, o qual apresenta os passos que essa Literatura deu no estado do Pará.

Segundo a autora, tudo começou nos anos de 1970, quando a Universidade Federal do Pará (UFPA) passou a oferecer a disciplina Literatura Paraense, na época ministrada pelo Prof. Dr. José Guilherme de Oliveira Castro. Esse era praticamente o primeiro e único contato com essa Literatura de expressão Amazônica no currículo do curso de Letras da UFPA; nos anos 1980, a disciplina continuou a ser ministrada pelo Prof. José Arthur Bogéa, até que, no início dos anos 1990, ela foi extinta do currículo de Letras da UFPA.

Esse trabalho iniciado nos anos 1970 rende frutos, os alunos de graduação desta época resolvem se unir e fundar a Associação de Licenciados em Letras do Pará (ALLPA), que teve como principal ação promover a 1ª Semana da Literatura Paraense.

> Estávamos no final dos anos 1970 (18 a 23 de junho, 1979). Professores da Universidade Federal do Pará discorriam sobre suas pesquisas, apresentavam leituras, escritores e temas relacionados à, então, chamada literatura paraense. O cônego Ápio Campos, diretor do Centro de Letras, fez a conferência de abertura sobre a Literatura Paraense, o filósofo Benedito Nunes falou sobre a obra de Max Martins e levou o poeta para uma récita com poemas selecionados para o evento; os queridos mestres Francisco Paulo Mendes apresentou a poética de Paulo Plínio Abreu e Albeniza Chaves, a obra de Mário Faustino; o professor José Guilherme Castro trouxe o lirismo da crônica de Eneida; Maria Lúcia Medeiros leu e analisou a 1ª parte do Nativo de Câncer, de Ruy Barata, ainda em processo de criação; o poeta João de Jesus Paes Loureiro falou sobre a sua própria obra. No encerramento, o escritor e crítico Joaquim Inojosa, apontado como um dos precursores do movimento modernista no Nordeste, que estava em Belém a convite do Conselho Estadual de Cultura, refletiu e teorizou sobre as origens do movimento modernista no Norte. E, assim, tremendo de nervoso, realizamos uma semana de estudos, com um público de cerca de oitenta pessoas, no antigo auditório da extinta SUDAM. (FARES, 2013, p. 85).

Outro momento emblemático para a Literatura de expressão Amazônica foi o ano de 1980, ano em que houve a querela nos meios acadêmicos e na mídia de maneira geral,

sobre a entrada de uma obra amazônica no processo seletivo da UFPA. O discente Inácio Obadia propõe a inserção, no programa do vestibular, do livro de contos Carro dos Milagres, de Benedicto Monteiro, no Conselho Superior de Ensino e Pesquisa (CONSEP) da UFPA. Após aprovada por esse conselho a entrada da obra no vestibular, ela foi revogada pela COPERVES (Comissão Permanente do Vestibular), argumentando a inexistência de exemplares suficientes da obra no mercado de Belém. Depois de muitas discussões e análises, a Literatura Amazônica passou a fazer parte do programa do vestibular, a partir de 1981.

Nesta mesma década nasce uma proposta de se utilizar a Literatura Amazônica em sala de aula, o livro Texto e Pretexto: experiência de educação contextualizada, a partir da literatura feita por escritores paraenses, cujos autores - Josse Fares, Paulo Nunes, Rei Vinas e Josebel Fares – pretendiam que os alunos do que seria atualmente, o ensino fundamental maior, 6º ao 9º anos, pudessem conhecer os textos dos autores paraenses, além de trazer sugestões de análise e atividades destinadas aos alunos, o livro surgiu para contemplar uma iniciativa do prefeito da época, da inserção da disciplina Literatura Paraense no currículo das escolas municipais de Belém.

A nível acadêmico, os anos 1980 trazem na pós-graduação as primeiras dissertações de mestrado defendidas em Literatura Amazônica, em diferentes instituições brasileiras.

> O professor José Guilherme Castro sobre "O lirismo imagético de Eneida de Moraes"; Enilda Alves sobre "Três casas e um rio" de Dalcídio Jurandir; Elanir Gomes de Sousa sobre o africanismo em "Batuque" de Bruno de Menezes; Célia Bassalo sobre Paulo Plínio Abreu. Na área da linguística, assinalo os trabalhos de Rosa Assis, sobre a linguagem na obra de Dalcídio Jurandir, e o de Lourdes Maués, sobre aspectos sociais e linguísticos em "A Menina que vem de Itaiara", de Lindanor Celina. Ressalto ainda o trabalho da profa. Olinda Batista Assmar, da Universidade Federal do Acre, sobre Dalcídio Jurandir, defendido na UFRJ. (FARES, 2013, p. 86).

Depois de vários trabalhos defendidos no âmbito acadêmico, os mestrados em Teoria Literária da UFPA e em Estudos Literários, interinstitucional (UFPA/UFMG), repensaram a questão e, no final de 1999, por uma orientação institucional (CAPES), criou-se uma linha de pesquisa ligada à Literatura produzida na Amazônia, o que vem até hoje pontuando e impulsionando esses estudos.

Ainda nos anos 1990, mais exatamente em 1993, a Secretaria de Educação do Pará (SEDUC) publicou Do texto ao texto: Leitura, Gramática e Criação, para o atual 6º ano, dentro do projeto O Livro Didático para a Amazônia, dos professores Josse Fares, Paulo

Nunes, Maria Lúcia Medeiros, José Ildone Soeiro, Nilza Melo e Silva, Leila Gillet e Josebel Fares. Este livro teve uma pequena circulação, foram publicados poucos exemplares para uma experiência piloto, em alguns poucos municípios escolhidos.

Após isso, todas as maiores instituições de ensino do Pará (UFPA, UEPA, IFPA e UNAMA), que oferecem o curso de Letras, possuem em seu currículo a disciplina Literatura de Expressão Amazônica, ou suas variações, para que os profissionais da área de Letras do Pará saiam preparados para que possam cada vez mais, fazer com que essas vozes da Amazônia possam ser ouvidas por todos.

Porém, infelizmente, o uso do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) como principal critério de seleção para o ingresso nas universidades públicas paraenses desde 2014 consolidou uma lógica avaliativa que tende a orientar o currículo da educação básica para as demandas específicas do exame, com forte centralidade em competências de leitura instrumental e resolução de questões padronizadas.

O exame acaba por privilegiar em suas questões a compreensão textual e a análise de recursos linguístico-estilísticos em detrimento do letramento literário e da fruição estética, o que contribui para um tratamento mais funcionalista e menos aprofundado da literatura nas aulas de Língua Portuguesa. Nesse contexto, a literatura produzida na Amazônia, que já ocupava um espaço restrito nos livros didáticos, nos materiais de apoio e nas propostas curriculares, tende a ser ainda mais marginalizada, uma vez que não se converte diretamente em ganho de “pontos” para o exame e, portanto, não figura como prioridade nem para as escolas nem para os estudantes.

No caso específico do Pará, a adesão de universidades como UFPA, UEPA, IFPA, UFOPA e Unifesspa ao uso da nota do ENEM, seja por meio do SISU ou de processos seletivos próprios baseados no exame, reforça a percepção de que o “sucesso” escolar está vinculado sobretudo ao desempenho nas provas padronizadas, deslocando o foco das práticas de leitura literária ligadas ao repertório amazônico e às identidades locais.

Infelizmente, apesar dos esforços contrários a isso, a literatura da Amazônia permanece periférica e fragmentada no ensino médio atual, o que, combinado à pressão por resultados no ENEM, contribui para afastar os alunos da leitura sistemática de autores, obras e narrativas da região. Assim, a centralidade do ENEM como mecanismo de acesso ao ensino superior, ao induzir escolhas curriculares e práticas pedagógicas voltadas prioritariamente ao exame, funciona como um fator de esvaziamento da literatura amazônica no cotidiano escolar, com impactos diretos na formação de leitores literários sensíveis às especificidades culturais da Amazônia.

Literatura e Recepção

A Estética da Recepção surgiu, segundo Lima (1979), em 1967, com a publicação da aula inaugural de Hans Robert Jauss, intitulada Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft (História da Literatura como Provocação à Ciência da Literatura). Sendo seguida pela publicação do livro Die Appelstruktur der Texte (A Estrutura Apelativa do Texto) de seu colega de discussão, Wolfgang Iser. Esta nova forma de pensar a Literatura ou de dialogar com ela surge num contexto protestante, no qual alunos universitários se mostram insatisfeitos com a tradição de ensino.

Havia a possibilidade de se manter a tradição, aliando-se aos sorbonnards, apoiar o estruturalismo francês de Barthes e companhia ou os marxistas reflexólogos (LIMA, 1979), isto é, continuar deixando o leitor de lado, considerando-o tão somente um "depósito" necessário para a concretização da obra. Num cenário onde "o tradicionalismo sorbonnard, o estruturalismo barthesiano e a interpretação histórico-reflexológica indicavam o impasse que assediava a abordagem da literatura (por extensão, da arte)". (LIMA, 1979, p. 14), não havia algo melhor senão uma quebra de expectativa no tratar da leitura com a Literatura.

Na formulação de uma relativa forma nova de diálogo pela Literatura, Jauss, principal defensor da Estética da Recepção, parte de premissas já existentes, formuladas por Aristóteles, nesse caso, os conceitos de *poiesis*, *aisthesis* e *kathasis*, o que "pode tornar Aristóteles um precursor remoto da estética da recepção" (ZILBERMAN, 2004, p. 16), além dos conceitos de pergunta e resposta de seu mestre Gadamer. Além disso, outros estudiosos também já tinham percebido a necessidade de se levar o leitor em consideração no diálogo com a obra literária. De início, Jauss

> Concorda com Aristóteles, para quem o prazer estético decorre do reconhecimento diante do imitado; e afirma que engloba as noções de "pura visibilidade ", de K. Fiedler, "estranhamento" ou visão renovada, de V. Chklovsky, "contemplação desinteressada", de M. Geiger, e de experiência da "densidade do ser", de J.-P. Sartre. (ZILBERMAN, 2004, p. 55).

Essa relativamente nova forma de diálogo com a Literatura defende que a arte literária, com sua dupla função comunicativa e transgressora ou libertadora de pensamento, concretiza-se na leitura, por meio da "experiência estética [...] cuja concretização depende da principal reação de que é capaz o leitor: a identificação." (ZILBERMAN, 2004, p. 54-55)

Em seu livro fundador da Estética da Recepção, dentre suas sete teses, chama-nos atenção a última, na qual Jauss (1994) discorre sobre a relação entre literatura e leitor com base na sociedade ou na realidade que circunscreve este último. Considerando que tal relação pode se dá "tanto na esfera sensorial, como pressão para a percepção estética, quanto também na esfera ética, como desafio à reflexão moral." (JAUSS, 1994, p. 53).

Ademais, considerando o diálogo do leitor com a obra na esfera ética, está por "romper as expectativas de seus leitores e, ao mesmo tempo, colocá-los diante de uma questão cuja solução a moral sancionada pela religião ou pelo Estado ficou lhes devendo." (JAUSS, 1994, p. 56). Nesse diálogo, a obra instigaria o leitor à reflexão sobre as mazelas veladas pela sociedade, tal como o preconceito e racismo.

Dessa forma, cabe à Literatura, em sua historicidade, revelar a "função verdadeiramente constitutiva da sociedade que coube à literatura, concorrendo com as outras artes e forças sociais, na emancipação do homem de seus laços naturais, religiosos e sociais." (JAUSS, 1994, p. 57).

Mas, a questão é: o que tudo isso tem a ver com o ensino de Literatura? Se até este momento, ainda podemos fazer entender o quanto é a importância do ensino da Literatura e, com maior eficiência, a leitura de Literatura no ensino básico? Fá-lo-emos a partir de agora, com mais clareza.

Em um de seus livros, Zilberman (2001), com base no pensamento de Iser (1996), que, por sua vez, baseou-se no de Poulet (1969), afirma que:

> ler é pensar o pensamento de outros, é igualmente abandonar a própria segurança para ingressar em outros modos de ser, refletir e atuar. É, por fim, apreender não apenas a respeito do que está lendo, mas, principalmente, sobre si mesmo. (ZILBERMAN, 2001, p. 53).

Em seu diálogo com a obra literária, mais precisamente, com os personagens e, consequentemente, com o pano de fundo social que subsidia o enredo, o leitor vive outras experiências de vida, como se ele próprio fosse o agente daquela vida, sofrimentos, emoções, revolta, etc. Poulet considera que

> Quando eu leio, eu pronuncio um eu, e, mesmo assim, o eu que eu pronuncio não sou eu mesmo. [...] Eu sou o sujeito de pensamentos outros além dos meus próprios. Minha consciência comporta-se como se fosse de outro alguém. [...] Eu devo reconhecer que nenhuma ideia pertence a mim. As ideias pertencem a ninguém. Elas passam de uma consciência a outra como moedas passam de mão em mão. (POULET, 1969, p. 56).

Em seu diálogo constante com os personagens, melhor dizendo, ao assumir perspectivas de inúmeros personagens, o leitor, nesse caso, o aluno do ensino básico, tem a possibilidade de vivenciar outras formas de agir, pensar, tal como pontua Zilberman (2001).

Além disso, em conformidade com o pensamento de Jauss (1994), embora não seja considerado da Estética da Recepção, Bakhtin (2011), ao dissertar sobre a relação entre leitor e personagem, considera que esse diálogo seja bipartido, sendo "O primeiro momento da atividade estética é a compenetração: eu devo vivenciar – ver e inteirar-me – o que ele vivencia, colocar-me no lugar dele [...] Devo adotar o horizonte vital concreto desse indivíduo tal como ele o vivencia" (BAKHTIN, 2011, p. 23-24) e o segundo momento, no qual considera o real início da atividade estética, no caso, o efeito toma eficácia, faz referência "À atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre, quando enformamos e damos acabamento ao material da compenetração" (BAKHTIN, 2011, p. 25).

Se levarmos em consideração que nos formamos espiritual e intelectualmente com base em nossas relações, podemos afirmar, então, que nossas experiências fictícias têm impacto direto em nossa formação de caráter, de opinião sobre o mundo que nos circunscreve. Tal como assegura Jauss (1996), a Literatura tem o poder de libertar o homem de sua prisão cotidiana, ampliar seu conhecimento sobre si mesmo e sobre o mundo. Dessa forma, consideramos imprescindível a leitura de obras literárias em sala de aula.

Por isso, essa discussão acerca da Estética da Recepção permite inferir que, mesmo sob a forte influência do ENEM na organização do currículo e na seleção de conteúdos, a literatura amazônica pode permanecer viva e significativa em sala de aula, desde que o leitor seja recolocado no centro do processo de leitura. Ao privilegiar a experiência estética, a identificação e o horizonte de expectativas dos estudantes, essa perspectiva rompe com práticas tecnicistas e abre espaço para que textos amazônicos sejam trabalhados não como apêndice regional, mas como lugar legítimo de produção de sentido, fruição e construção de identidades locais.

Considerando que o exame tende a induzir abordagens funcionalistas da leitura, a adoção de pressupostos da Estética da Recepção no ensino básico mostra-se um caminho profícuo para articular, simultaneamente, o desenvolvimento de competências exigidas pelo ENEM e a valorização do patrimônio literário amazônico. Ao transformar o aluno em sujeito ativo da leitura, capaz de "pensar o pensamento de outros" e de reconfigurar

sua visão de mundo por meio do contato com obras da região, consolida-se a sala de aula como espaço de circulação e permanência dessa produção, contribuindo para a formação de leitores críticos e para a afirmação das memórias e culturas amazônicas, apesar das pressões uniformizadoras dos processos seletivos.

Referências

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução de Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

FARES, J; NUNES, P. **Literatura de Expressão Amazônica**. Belém: UNAMA, 2005.

FARES, J. O não lugar das vozes literárias da Amazônia na escola. **Revista Cocar**, Belém, v. 07, n. 13, p. 82-90, 2013. Disponível em: https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/244. Acesso em: 20/12/2025

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ISER, W. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. Trad. Johannes Kretschmer. Vol. 1-2. 34ª ed. São Paulo: 34, 1996.

JAUSS, H. R. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

JAUSS, H. R. O prazer estético e as Experiências Fundamentais da *Poiesis*, *Arethesis* e *Katharsis*. In: LIMA, Luis (org.). **A 1iteratura e o 1eitor** - textos de Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

LIMA, Luis Carlos (org.). **A 1iteratura e leitor**. Textos da Estética da Recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

POULET, G. Phenomenology of Reading. **New Literary History**, v. 1, n. 1, New and Old History, pp. 53-68, out. 1969. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/468372. Acesso em: 20/12/2025

REIS, Wellingson Valente dos; CASTRO, José Guilherme de Oliveira; TEIXEIRA, Lucilinda Ribeiro. RITO DE PASSAGEM DA VIDA: a recepção de Maria Lúcia Medeiros por alunos do Instituto Federal do Pará. **Cadernos de Pesquisa**, v. 25, n. 2, p. 225–242, 8 Jul 2018 Disponível em: https://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/9330. Acesso em: 20/12/2025

REIS, Wellingson Valente dos; MUNHOZ, Widnerlley Santos Vargas; FARES, Josebel Akel. Transgressões de uma menina míope. **Boitatá**, Londrina, v. 3, n. 6, p. 36–50, 2025. DOI: 10.5433/boitata.2008v3.e31159. Disponível em:

https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/boitata/article/view/31159. Acesso em: 20/12/2025.

SPIVAK, G. **Pode o Subalterno Falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

ZILBERMAN, R. **Estética da Recepção e História da Literatura**. São Paulo: Ática, 2004.

ZILBERMAN, R. **Fim do livro, fim dos leitores?** São Paulo: Senac, 2001.

SOBRE O AUTOR

Wellingson Valente dos Reis
Doutor em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia. Possui Especialização em Estudos Linguísticos e Análise Literária pela Universidade do Estado do Pará (2009), Graduação em Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade do Estado do Pará (2007) e Graduação em Licenciatura em Letras - Língua Espanhola pela Universidade da Amazônia (2010). Atualmente, é professor EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). Vice - líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Arte, Cultura e Educação (GIPACE/IFPA), participa do Grupo de Pesquisa Mulheres Amazônidas e Latino-americanas na Literatura e nas Artes (MALALAS/UFPA).

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0119-3356
E-mail: wellingson.valente@ifpa.edu.br

Recebido: 21/06/2024

Aprovado: 29/08/2024

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Breve olhar sobre Belém do Grão-Pará

Un bref aperçu de Belém do Grão-Pará

Paulo Maués Corrêa

Secretaria de Educação-SEDUC/PA

Belém-PA

Resumo

O presente estudo corresponde a uma versão da comunicação apresentada em um evento virtual desenvolvido pelo CUMA, em janeiro de 2021, como forma de marcar o aniversário do escritor Dalcídio Jurandir e da cidade de Belém. Trata-se de um passeio por esses dois tópicos, numa análise que corresponde a vagar sobre o texto-cidade dalcidiano e sobre a cidade-texto encrustada no seio da Amazônia, levando também em consideração outro tema relacionado e relevante para a nossa História: a Cabanagem. Creio que, numa edição comemorativa do CUMA, deixar registrada esta fala em sua revista seja algo importante.

Palavras-chave: Dalcídio Jurandir; Belém; Cabanagem.

Résumé

La présente étude correspond à une version de communication présentée lors d'un événement virtuel développé par le CUMA, en janvier 2021, pour marquer l'anniversaire de l'écrivain Dalcídio Jurandir et de Belém. Il s'agit d'un tour de ces deux thèmes, en une analyse qui correspond à une déambulation à travers la ville-texte dalcidienne et le texte-ville situé au cœur de l'Amazonie, en prenant également en considération un autre thème connexe et pertinent pour notre Histoire: la Cabanagem. Je crois que, dans une édition commémorative du CUMA, il est important d'enregistrer ce discours dans son magazine

Mots-clés: Dalcídio Jurandir; Belém; Cabanagem.

Esta breve comunicação, obviamente, evoca o título de um livro meu sobre o romancista Dalcídio Jurandir: *Um olhar sobre Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir* (Corrêa, 2008). Entretanto, há que se demarcar, por conta do tempo fronteiriço em que se situa sua apresentação original, 11 de janeiro de 2021, uma ambiguidade, pois situada num ponto que corresponde a um dia depois do aniversário de Dalcídio, 10 de janeiro, e a um dia antes do aniversário da fundação de nossa cidade de Santa Maria de Belém do Grão-Pará, 12 de janeiro, além de poucos dias após a data marco da Cabanagem, pontuada pela tomada da capital pelos cabanos em 7 de janeiro de 1835.

Com base nessa ambientação inicial, faço uma leitura que se debruça sobre o texto-cidade de Dalcídio e sobre a nossa cidade-texto, Belém. Esta exposição é primordialmente motivada pelos fios femininos de Ariadne, especialmente por estarmos num terreno de inegável, reconhecido e conquistado poderio feminino, neste CUMA em que temos Icamiabas/Matintas como Renilda Bastos, minha amiga, professora e orientadora, Dia Favacho, plena de sensibilidade (alusão a seu livro *Educação Sensível na voz de Calados: poesia e memória em regime crepuscular*, 2018, do qual fiz a revisão), Isabelle Pantoja e Daniele Lobato, as missivistas que escreveram para Dalcídio e Belém (no caso, Maria de Belém Menezes, referência à participação delas nos dois livros *Epístolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir*, de 2020 e 2024, organizado por Josebel Akel Fares e Paulo Nunes), Délcia Pombo – delícia de brincar com as palavras –, tantas outras (perdão pela curta relação, mas sintam-se todas representadas pelas citadas), e, principalmente, Bel Fares, Matinta-mor e a rainha das Icamiabas, que jamais se deixaria dominar por Macunaíma (Andrade, 2001) e que nunca formaria sozinha uma constelação, por certamente preferir brilhar dividindo este céu com tantas outras estrelas, que, diferentemente do que se costuma dizer das Icamiabas do Nhamundá, não extirpam um seio e nem excluem a nós, homens, de sua companhia permanente.

Minha premissa básica é de que moramos em uma cidade mulher – "Belém, Belém, menina morena", diz a canção de Chico Sena –, e essa mulher é como a Yara, prenhe de Amor e Morte. Quanto ao Amor, o menino Alfredo o sente pela desejada Belém em *Chove nos campos de Cachoeira*, desejo partilhado com a mãe, pois, "Quando as chuvas voltavam, então era que D. Amélia sentia mais desejos de levar Alfredo para Belém" (Jurandir, 1995, p.17). É a mãe quem o acompanha na chegada para a tão sonhada morada em Belém, e Alfredo se veste com roupa nova como quem vai encontrar uma namorada: "Que luz a do seu olhar cheio de uma cidade que era só sua, não daqueles

barqueiros, nem de sua mãe nem daquela gente alheia e indiferente que passava. Sua" (Jurandir, 2004, p.80-81).

Eros se insinua, mas Tânatos também está à espreita, na alusão ao necrotério – Eros acolhido, Tânatos negado: "Preferia que houvesse atracado defronte das quatro torrinhas do Mercado de Ferro que davam a Alfredo a impressão das casas turcas vistas no *Dicionário ilustrado*" (Jurandir, 2004, p.79). Esse mercado pode ser visualizado neste registro histórico em forma de cartão-postal:



Imagem retirada de *Belém da Saudade* (1998, p.52).

A cidade é atração e repulsa, metaforizadas na "lanterna dos afogados" trabalhada por Luís Heleno Montoril del Castilo (2020), a qual seduz com sua luminosidade e arrasta para o fim. Esse fim é pressentido por Alfredo na insinuação do necrotério e reforçado na cena chocante da senhora bem vestida que foi em busca de uma encomenda: uma menina, mercadoria – na verdade, conforme Castilo (2007, p.150), antimercadoria, pois que nada atraente: "uma menina de nove anos, amarela, descalça, a cabeça rapada, o dedo na boca. Metida num camisão de alfacinha" (Jurandir, 2004, p.83). Esse drama teria sido o vivido por Libânia (Corrêa, 2008, p.39), agregada da família Alcântara em *Belém do Grão-Pará*, e também pela Senhora do *Velas por quem?*, conto de Maria Lúcia Medeiros – roubar o fio da vida é a suprema imagem da morte: "Fatal foi teres chegado de madrugada, teus olhos de sono, quando ainda a cidade se espreguiçava e teres visto o casario, as ruelas tortuosas, os homens a gritar nomes e coisas"(Medeiros, 1994, p.11).

Mais do que sugestivo o nome da embarcação que trazia a "encomenda": Deus te guarde – ironia dalcidiana. A cooptação de crianças se dá devido à miséria no interior do

Estado, e, no romance *Marajó*, Dalcídio Jurandir dá uma mostra desse processo, quando o casal Antônio e Jovenila está em mísera andarilhagem pelos campos do Marajó e um canoeiro faz a abordagem ao enxergar a pequena Rita: "— Vocês me dão que eu levo ela pra Belém. Conheço quem precisa de uma menina assim" (Jurandir, 2008, p.315) – ela seria mais uma "encomenda", mas resistiu, e os pais não insistiram para que fosse.

Para além da figuração, a morte se mostra em cores e banalizada, na cidade mulher, quando Alfredo resolve olhar pelas grades do necrotério, espaço que pode ser visto na sequência, em registro histórico dos mais conhecidos:

> Através das grades, na última pedra do morgue, aos fundos, ao pé da janela sobre o rio, um cadáver, nu, o tronco esfolado em que se espalhava uma camada de gordura. Alfredo não via os braços nem precisamente o rosto, nítida apenas a gordura crua do defunto (Jurandir, 2004, p.84).



Imagem contida no *Álbum do Estado do Pará* (1908, p.57).

Foi assim que Alfredo "logo sentiu obscuramente que a morte na cidade se despojava daquele pudor, decência e mistério que a todos transmitia em Cachoeira" (Jurandir, 2004, p.85). Sua primeira grande decepção foi saber que os campos de Cachoeira não seriam trocados pelos "campos da Holanda" (Jurandir, 1995, p.15), pois sua viagem era para um além, e a embarcação que o trouxera – a São Pedro – não

desembarcou nas portas do céu, mas se transmutou na barca de Caronte e o deixou no Hades, onde havia sim uma visão mais terrificante, mas também os Campos Elísios, evidenciados no passeio que Alfredo fez conduzido por Libânia:

> E da Doutor Moraes, sem lhe dizer nada, Libânia levou ele ao Largo da Pólvora. Alfredo reconheceu velhas fotografias de sua intimidade: O Teatro da Paz, o Grande Hotel, a estátua da República, todo o *Álbum Comemorativo do Centenário de Belém* de corpo presente (JURANDIR, 2004, p.129).

Parte desse trajeto se centraliza no entorno da Praça da República, registrada desta forma em 1908:



Imagem retirada do *Álbum do Estado do Pará* (1908, p.54). Ao centro, em plano elevado, a estátua da República.

Há muito a *Belle Époque* se finara – em *Marajó*, coronel Lafaiete se lamenta: "Ah! Meus tempos de borracha! 'Tinha dinheiro! Tinha dinheiro!" (Jurandir, 2008, p.184) –, por isso não usei a expressão francesa *Champs-Élysées*, do sonho da Paris n'América, e a opção pelo vernáculo abre espaço para o reverso, o Tártaro, os temidos Covões, que não

aparecem no suntuoso *Álbum* do Governador Augusto Montenegro, de 1908, mas que são citados com ironia por D. Inácia quando o casarão de Nazaré ruía: — "Daqui da mansão vamos para o veraneio, subimos pros Covões, a residência imperial. Vamos para as pompas dos Covões, senhora dona Emília" (Jurandir, 2004, p.520).

A chegada de Alfredo é a repetição da chegada de tantos à cidade: naturalistas como Alfred Russel Wallace (2004) e Henry Walter Bates (1979) e até mesmo o Padre Antônio de Morais, protagonista de *O Missionário*, de Inglês de Sousa (1992). Alfredo penetra nessa "Nortista gostosa" cantada por Manuel Bandeira (2007, p.131), se depara com a confirmação da sua condição de Tio Bimba – caboclo, gente do sítio – e tem contato com as entranhas da cidade, figuradas na recepção inusitada de uma mulher bêbada que levanta a saia e mostra sua genitália em público, impactando "os olhos assombrados" (Jurandir, 2004, p.87) do jovem Alfredo.

As implicações psicanalíticas dessa cena são significativas, mas já as abordei no meu livro sobre o autor marajoara (Corrêa, 2008, p.53-61), de modo que prefiro fazer uma nova incursão, em reforço à visão pouco paradisíaca que demarquei anteriormente: "Está aqui e está nos infernos, a mesma coisa é, melhor é lá" (Jurandir, 2004, p.87).

Essa é uma das faces de Belém – a da mulher bêbada, "escura, magra, descabelada" (Jurandir, 2004, p.87) –, mas não a única. D. Inácia, matriarca dos Alcântara, esposa de Seu Virgílio e mãe de Emília, é outra face da Belém, pois "Parecia-lhe mulher das ruínas, dos luxos mortos, das coisas acabadas do lemismo" (Jurandir, 2004, p.158) – a decadência da cidade se inscreve na personagem.

Essa mesma ruína, noção tão explorada na leitura de Dalcídio Jurandir feita por Marli Furtado (2002), possui mais espelhos, que refletem o esplendor perdido de uma época bela que só deixou rastros e está patente na senhora que Seu Virgílio encontrou durante a fuga provocada por sua consciência, pesada pelo ganho com a muamba na Alfândega. Ela era uma antiga prostituta, a quem, nos tempos áureos, um antigo amante disse: "Puta, tu tens o rosto de pele de borracha suando. Tens um rosto de pele de borracha nova, mal saindo da defumação" (Jurandir, 2004, p.498).

No presente da ação, eis como ela passou a ser descrita:

> Encontrou na esquina ao pé da Caixa-d'Água uma mulher morena, gorda um pouco, de chinelos, mas tão pálida, que, à luz das lâmpadas que acendiam, se tornava arroxeada, os lábios roxos-roxos, como murchados. Sua palidez no escuro, agora que seguiam para uma travessa escura, lembrava um rosto passado no azeite de dendê (Jurandir, 2004, p.495).

Corpo explorado, usurpado, como a Belém de igarapés aterrados, de corpo devassado pelos grandes falos que surgem a cada dia alterando a paisagem, danificando sua "pele de borracha nova", e o maior emblema dessa violação, bem num delta de Vênus da cidade, se chama Manuel Pinto da Silva – isso mesmo, Pinto! O que mais comentar?! Ela, a cidade, cujo corpo se caracteriza pela sinuosidade das ruas da Cidade Velha, é afrontada pelas retas fálicas – pleonasmo meu – das ruas que a cercam pelas extremidades: Almirante Barroso, Pedro Miranda, Marquês de Herval...

Entretanto, a despeito dos ataques, essa mulher resiste. Aterrar é esconder a água sob a terra, água que volta sobre nossas cabeças – "As chuvas desabaram, desmanchava-se a cidade no aguaceiro" (Jurandir, 2004, p.108) – e correm sob nossos pés, cobrindo nossos sapatos e invadindo casas. Ação e reação: a terra que cobriu a água passa a ser coberta pela mesma água, e a cidade fica de bubuia como o "romance rio" [*roman fleuve*, expressão de Romain Rolland que Benedito Nunes (2006, p. 246) aplica à narrativa dalcidiana] ou a "aquonarrativa", para usar o conceito cunhado por Paulo Nunes (2001) a partir da obra de Dalcídio Jurandir.

As faces mais agradáveis da mulher Belém se encontram justamente atreladas à natureza e representadas especialmente por um dos sentidos – o olfato. E Mãe Ciana, considerada por Luís Heleno Montoril del Castilo como "feixe movediço fantasmático a atravessar a cidade artisticamente luminosa vendendo papel de cheiro; uma espécie de espectro de um tempo envelhecido e esquecido" (2021, p.107), é a máxima representação desse aspecto, justamente por vender os "cheiros" preparados com ervas do Pará e que também tinham um quê afrodisíaco, tanto que, segundo Seu Lício, seu amor antigo, ela "é como a árvore pracuúba cheirosa. Madeira muito resistente que cheira a rosas quando se queima ou se corta" (Jurandir, 2004, p.505) – Belém é a "Cidade pomar" anunciada por Bandeira (2007, p.130), e o Ver-o-Peso é o universo de fragrâncias derivadas das ervas e de outras milongas, que se sintetizam na imagem do sono de Libânia: "O sono dela era exalação de ervas, resinas, essências, cascas e flores pisadas, raladas, misturadas por Mãe Ciana" (Jurandir, 2004, p.368).

A despeito da forte presença do olfato, historicamente há a demarcação de que, na nossa cultura, a audição também é vital, tanto que o naturalista Wallace, em meados do século XIX, registrou: "Três coisas são essencialmente do agrado do povo brasileiro: música, barulho e fogos de artifício" (2004, p.54) – somente o terceiro item remete também à visão, prevalecendo, no conjunto, a audição.

Em Dalcídio, os fogos se fazem presentes na apoteose do Senador Lemos – lembremos também que major Alberto, pai de Alfredo, era o "mestre em pirotecnia" (Jurandir, 1995, p.67) em *Chove nos campos de Cachoeira*. O barulho corta o livro e a cidade, com destaque para o produzido pelo bonde: "Aí ao pé dos bondes passando, havia um barulho incompatível com a sua [de Alfredo] solidão e orgulho" (Jurandir, 2004, p.311).

Quanto à música – para muitos, simples barulho –, há várias referências aos sinos da cidade: "B'lém, B'lém, Belém, Belém', repetia Alfredo baixinho, imitando Andreza em Cachoeira quando falava da cidade" (Jurandir, 2004, p.79) – mais um eco da poesia de Bandeira: "Bembelelém / Viva Belém!" (2007, p.130), que reverbera também no poema *Igrejinha*, de Paulo Nunes: "Bem-be-le-lém / qual o bem? // Bem-be-le-lém / o que vem?" (Nunes, 2002, p.14).

No entanto, a música se mostra mais imponente na presença de um instrumento símbolo da *Belle Époque*: o piano. Mas esse instrumento passa a ser símbolo da decadência da aristocracia representada pela família Alcântara, pois, quando o casarão de Nazaré desabou, segundo José Arthur Bogéa, "a desolação se reflete no piano abandonado 'ao pé da mangueira'" (2003, p.25).

Durante a fase do resplendor da *Belle Époque* e do lemismo, era básico que as moças de família tocassem piano, daí Dione Colares, em ensaio sobre a presença desse instrumento no romance dalcidiano, considerá-lo um "incontestável ícone de época" (2020, p.15). Emília estudava para aprender a tocar, mas teve que parar depois da queda do Senador Lemos.

Tudo o que representava os tempos do Senador decaiu, ruiu, como o piano, que ficava na sala "como um jazigo" (Jurandir, 2004, p.77), e também outro objeto: o gramofone do padrinho de Alfredo.

Na visita que o jovem protagonista fez ao seu padrinho Barbosa, não encontrou mais aquilo de que ele se lembrava de uma visita passada: a menina, um ganso branco e o padrinho escutando o gramofone que o vizinho Governador Augusto Montenegro ouvia de passagem. A menina, já moça, "conversava, murchamente" (Jurandir, 2004, p.101), mais uma representação de decadência feminina que espelha a decadência da própria cidade; o ganso estava muito velho; o gramofone, depois da derrocada, estava "Escuro, mudo, insondável" (Jurandir, 2004, p.101). Até o padrinho encontrava-se num estado demarcado por sua própria casa: "Baixa, envelhecida, como se fosse aos poucos se afundando, a casa parecia a consciência da ruína de seu dono" (Jurandir, 2004, p.99).

Musicalmente falando, no romance, para usar uma expressão de José Miguel Wisnik, a "paisagem sonora" (2006, p.54) da cidade é composta também por outros instrumentos, como flauta e violão. Para além da ficção, depois, seríamos conhecidos como a terra das aparelhagens de som.

Para estender minha *flânerie* (Benjamin, 1989) por *Belém do Grão-Pará*, evoco o autor que melhor associou texto e cidade em um título de trabalho sobre Dalcídio Jurandir: Vicente Salles. É seguindo seus passos que piso neste *Chão de Dalcídio* e pinço inúmeros aspectos da cultura popular que comprovam o quanto o romancista foi um contador de histórias – argumento reforçado em outro ensaio de Salles –, ilustração do tão conhecido argumento do estudioso segundo o qual há um *continuum* erudito-popular, que "funciona também no sentido popular-erudito configurando um processo comum a todos os povos" (2016, p.20).

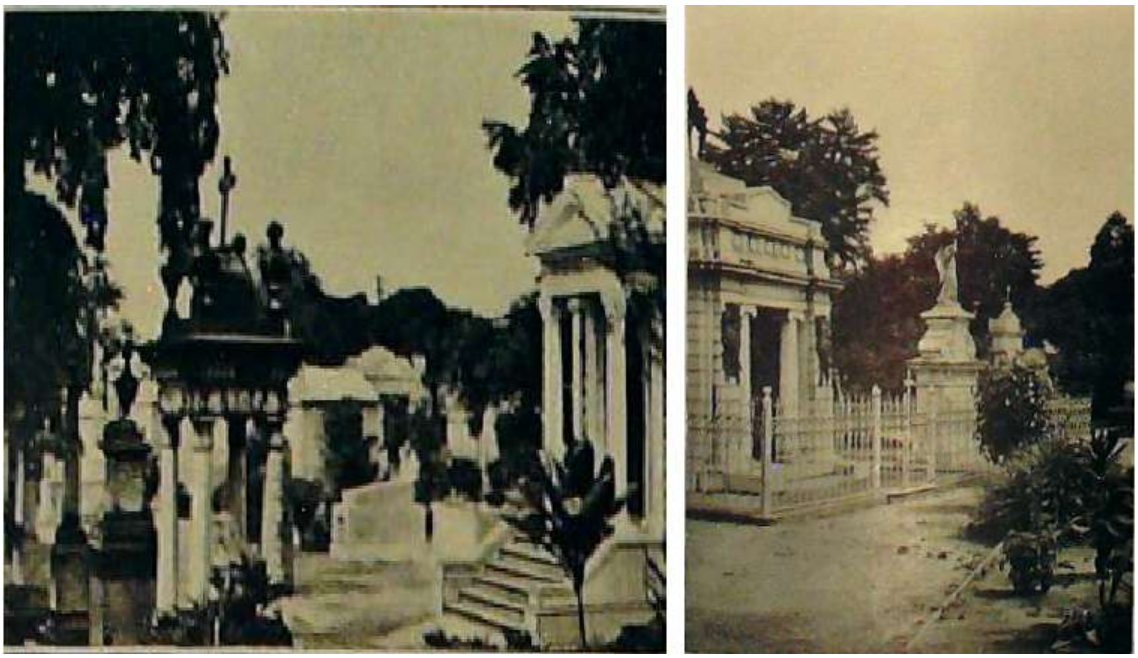
Como adendo, vale destacar que, em 2024, os ensaios de Vicente Salles sobre Dalcídio Jurandir foram reunidos em um único volume, *Dalcídio Jurandir por Vicente Salles*, publicado pelo selo da Editora Paka-Tatu e organizado por mim e pela incansável Marena Salles.

Assim, rastreio algumas narrativas que circulam na tradição oral da cidade e que se encontram no romance de Dalcídio. Nesse sentido, ampliando meu olhar para ambos os gêneros, destaco Antônio, mais um dos agregados dos Alcântara, que foi "roubado" da casa de uma vizinha rival da Gentil Bittencourt, trazendo consigo somente um "santo de pau", "meio comido de bicho, um Santo Antônio" (Jurandir, 2004, p.272). Ele era conhecedor de histórias: "Antônio, por exemplo, era aquela cabeça de contar estórias, uma memória, uma invenção!" (Jurandir, 2004, p.434). Ele "estoriava, e roças, e bichos e pescarias, e navios apitando no Guamá, fosse ver no trapiche, nem sinal de navio, era a boiuna" (Jurandir, 2004, p.347).

Contava histórias da princesa Jamarina, que tinha as águas como reino, de Mãe do Mato/Curupira. Esse aprendizado da palavra veio de uma tradição de narradoras:

> Antônio dizia que isso era contado, para assustar as crianças, contado por uma tia, a tia escutou da boca duma velha entendida em semelhantes assuntos, muito assombradeira, disque morava num forno velho de farinha, no rio do Carmo, não morreu, sumiu-se (Jurandir, 2004, p.350).

Uma presença forte de infortúnio na cidade é o Soledade, o cemitério da varíola, da febre amarela, epidemias que assolaram a região a partir de 1850 – ano de inauguração do cemitério –, de modo que Libânia alude aos fantasmas das vítimas da varíola em particular: “Estes, alta noite, costumavam sair do Soledade e rondar o bairro. passeando em caleches, espiando, atrás das mangueiras, o trem do Curro passar, rouco e esfalfado, sangrando sobre os trilhos roídos” (Jurandir, 2004, p.130-131).



No *Álbum do Estado do Pará* (1908, p.52), há essas duas imagens do Cemitério da Soledade. A primeira é uma visão geral, ao passo que a segunda é do túmulo do General Gurjão.

Desse mesmo cemitério, a menina contou de uma visagem que puxava o chapéu de quem passasse perto da grade e, certa vez, seu cabelo foi puxado, pois ela não possuía chapéu – mais uma marca da pobreza?!

Nesse chão dalcidiano, há muitas histórias, mas também há muita História, e nele também foi derramado sangue cabano, entrelaçando histórias e História, como se vê no comentário de D. Inácia a respeito da casa de Nazaré: “— Acredito que tenha a idade da cabanagem, pelo menos do tempo da febre amarela. Aqui tem sangue enxuto, tem osso plantado, fortuna escondida. Ou a peste” (Jurandir, 2004, p.383).

A lenda do dinheiro enterrado é uma das justificativas para o aparecimento de assombrações. De forma mais pontual, Seu Lício comenta com vistas ao movimento

revolucionário da Amazônia do século XIX: "— Aquele sangue não secou. É plebe, pura. Dele me orgulho, é a minha fidalguia" (Jurandir, 2004, p.501).

A revolta popular ocorrida no município de São Miguel do Guamá, comandada por Jerônimo Paxiúba, noivo de Etelvina, a fugitiva da casa da vizinha da Gentil Bittencourt, também evoca a Cabanagem, pois D. Inácia pergunta à sua vizinha Ludovina: "— A senhora não acha que pode virar uma cabanagem?" (JURANDIR, 2004, p.278). De imediato, a presença da Cabanagem é percebida também porque o nome do revolucionário o liga a uma genealogia literária no tocante a revoltas populares, pois o associa a um personagem do livro *Contos Amazônicos*, de Inglês de Sousa, o famoso Matias Paxiúba, de *O Rebelde*, texto do qual preparei uma edição comentada com trezentas notas de rodapé (Corrêa, 2016).

Esse texto de Sousa trata da Cabanagem, episódio em que Matias Paxiúba, o brasileiro, se defrontou com Guilherme da Silveira, o marinheiro, numa alegoria do embate entre o nativo e o português: "parece que o ódio das duas raças, a conquistadora e a indígena, se tinha personificado naqueles dois homens, cujos nomes eram o grito de guerra de cada um dos partidos adversos" (Sousa, 1988, p.100).

O final da peleja foi favorável a Paxiúba, que afirmou com orgulho: "Sou filho da onça, neto do tamanduá e mano do jacaré!" (Sousa, 1988, p.120), para mostrar sua força e bravura. O naturalista Wallace, que, conforme dito anteriormente, visitou a Amazônia em meados do século XIX, ao se referir à madeira paxiúba, a define como sendo a "mais admirável" das palmeiras da região perto de Belém e destaca que "sua principal singularidade é que as raízes estão, pela maior parte, acima do solo e as que morrem são sucessivamente substituídas por outras" (2004, p.69). Portanto, como afirmo em meu livro sobre Dalcídio (Corrêa, 2008), Jerônimo é como se fosse a raiz que surgiu em lugar da anterior, Matias.

Dalcídio, caboclo marajoara, se deixou seduzir por Belém, mas também a seduziu, e estamos debruçados sobre seu romance, prova de que ele deve ter sido ferroado pela formiga taoca, que dotou Sebastião, tio de Alfredo, com o dom da sedução, a ponto de esse "homem, dum negrume altaneiro" (JURANDIR, 2004, p.335), seduzir Dolores, a branca de "rosto alvo e corpo arisco, [que foi] sumindo naquele homem que a queimava com um fogo negro" (JURANDIR, 2004, p.338).

Essa interface entre Literatura e História é uma das marcas da produção literária na Amazônia, especialmente no Estado do Pará, e os exemplos são muito amplos, havendo uma relação preparada por mim em ensaio anterior (Corrêa, 2023, p.17).

Todas essas inferências e o variado conjunto de intervenções que compõem a fortuna crítica dalcidiana só foram possíveis porque o romancista é a ilustração da assertiva de Barthes (1992, p.18) segundo a qual a Literatura é um monumento que comporta todas as outras disciplinas das humanidades.

Como fechamento desta breve explanação, gostaria de retomar o fio inicial: a demarcação de um espaço fronteiriço que já visualizamos em relação ao tempo – fronteira entre as datas elencadas –, mas que também era o espaço do próprio Dalcídio Jurandir, entre sua aldeia e o mundo, assim como de Alfredo, entre o sonho e a realidade, entre Belém e Marajó, entre a preta (sua mãe, dona Amélia) e o branco (seu pai, Major Alberto)... e, de um tempo para cá, acrescento, entre o presencial e o virtual, forma originalmente adotada para a apresentação deste trabalho, no Seminário que o CUMA dedicou a Dalcídio e a Belém, em 2021.

REFERÊNCIAS

Álbum do Estado do Pará. Paris: Chaponet, 1908.

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 32.ed. Belo Horizonte/São Paulo: Garnier, 2001.

BANDEIRA, Manuel. **Estrela da vida inteira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007. (Biblioteca do Estudante)

BARTHES, Roland. **Aula**. 6.ed. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1992.

BATES, Henry Walter. **Um naturalista no rio Amazonas**. Trad. Regina Régis Junqueira. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1979. (Reconquista Brasileira; 53)
Belém da Saudade: a memória de Belém do início do século em cartões-postais. 2.ed. Belém: Secult, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas III. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense: 1989.

BOGÉA, José Arthur. **Bandolim do diabo (Dalcídio Jurandir: fragmentos)**. Belém: Paka-Tatu, 2003.

CASTILO, Luís Heleno Montoril del. Das Cidades. In: ASSIS, Rosa (Org.). **Estudos Comemorativos Marajó – Dalcídio Jurandir – 60 anos**. Belém: Unama, 2007. p.139-156.

CASTILO, Luís Heleno Montoril del. **Lanterna dos Afogados: ensaios de literatura, história, cultura e cidade na Amazônia**. Curitiba: Appris, 2020.

CORRÊA, Paulo Maués. **Um olhar sobre Belém do Grão-Pará, de Dalcídio Jurandir**. Belém: IAP, 2008. (Prêmio IAP de Edições Culturais)

CORRÊA, Paulo Maués. **Anotações sob O Rebelde, de Inglês de Sousa**. Belém: Paka-Tatu, 2016. (e-book)

CORRÊA, Paulo Maués. **Quarteto de Eros: o erotismo em quatro autores da Amazônia – Alfredo Garcia, Daniel da Rocha Leite, Haroldo Maranhão, Maria Lúcia Medeiros**. Belém: Sapucaia Pockets, 2023.

FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). **Epístolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir**. Belém: Paka-Tatu, 2020.

FARES, Josebel Akel; NUNES, Paulo (Orgs.). **Epístolas Poéticas: Maria de Belém Menezes e Dalcídio Jurandir – da piracema ao paneiro de recortes**. Belém: Paka-Tatu, 2024.

FAVACHO, Dia. **Educação Sensível na voz de Calados: poesia e memória em regime crepuscular**. Belém: Paka-Tatu, 2018.

FURTADO, Marli Tereza. **Universo derruído e corrosão do herói em Dalcídio Jurandir**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2002.

JURANDIR, Dalcídio. **Chove nos campos de Cachoeira**. 4.ed. Belém: Cejup, 1995.

JURANDIR, Dalcídio. **Belém do Grão-Pará**. Belém: UFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2004. (Coleção Ciclo do Extremo Norte)

JURANDIR, Dalcídio. **Marajó**. Belém: EDUFPA; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 2008. (Coleção Ciclo do Extremo Norte)

NUNES, Paulo. Aquonarrativa: uma leitura de Chove nos campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir. In: FARES, Josse & NUNES, Paulo. **Pedras de Encantaria**. Belém: Unama, 2001.

NUNES, Paulo. **O mosquito qu'engolhiu o boi**. Belém: Paka-Tatu, 2002.

SALLES, Vicente. **Lundu: canto e dança do negro no Pará**. Coord. Jonas Arraes. Belém: Paka-Tatu, 2016.

SALLES, Vicente. **Dalcídio Jurandir por Vicente Salles**. Organização de Marena Isdebski Salles e Paulo Maués Corrêa. Belém: Paka-Tatu, 2024.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. 2.ed. Rio de Janeiro: Presença; Brasília: INL, 1988. (Coleção Resgate/INL)

SOUSA, Inglês. **O Missionário**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1992. (Série Bom Livro)

WALLACE, Alfred Russel. **Viagens pelo Amazonas e rio Negro**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal; v.17)
WISNIK, José Miguel. Machado Maxixe: o caso Pestana. São Paulo: PubliFolha, 2006.

SOBRE O AUTOR:

Paulo Maués Corrêa

Licenciado em Letras pela Universidade Federal do Pará – UFPA (2001). Especialista em Literatura e Suas Interfaces, pela Universidade do Estado do Pará – UEPA (2004). Mestre e Doutor em Estudos Literários (UFPA, 2006 e 2020). Professor do Colégio Augusto Meira, SEDUC/PA. Ganhador do Prêmio Carlos Nascimento (gênero Ensaio), no Concurso Literário Anual da Academia Paraense de Letras – APL (2000, 2004, 2008 e 2015), do Prêmio IAP de Edições Culturais/2008, do Prêmio Literário da Fundação Cultural do Pará/2017, do Prêmio Uirapuru/2021, da Editora Folheando. Contemplado em editais geridos pela Secretaria de Cultura – SECULT (Livro e Leitura – Lei Aldir Blanc Pará, 2021) e pela Fundação Cultural do Pará (Seleção Pública de Obras Literárias e de Não Ficção, 2023). Membro do NUPECEAM – Núcleo de Pesquisas e Estudos do Colégio Estadual Augusto Meira e dos Grupos de Pesquisa Makunaíma (CNPq/UFPA) e CUMA (CNPq/UEPA). Autor de estudos sobre Literatura e Cultura da Amazônia. Produtor de material cultural para o *YouTube* (@PauloMauesCorrea).

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-8692-624X

E-mail: paulomauescorrea@yahoo.com.br

Recebido: 28/06/2024

Aprovado: 22/08/2024

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Poéticas da memória

Afonso Medeiros

Universidade Federal do Pará-ICA/UFPA

Belém-PA

Se considerarmos as características do discurso poético (arquetípico e, portanto, mais próximo do discurso filosófico) em contraste com o discurso histórico (que é contingente por calcar-se em fatos e personagens específicos) na teoria poética de Aristóteles e se considerarmos a poética como o modo de ser da Arte e a memória como o modo de ser da História, "poéticas da memória" seria uma contradição em termos aristotélicos, ou seja, uma tentativa (talvez fadada ao fracasso) de conciliar o contingente da história/memória com o arquetípico da arte/poética...

Temos muitos exemplos para atestar o insight de Aristóteles sobre o discurso poético uma vez que não é raro que este, com sua arquetipicidade e consequente potência de universalização, se aproxima do discurso filosófico – necessariamente pretenso ao arquetípico, ao geral, ao universal. Fernando Pessoa é um exemplo bem conhecido: sua pegada filosófica é desconcertante para aqueles que estão acostumados ao descredenciamento filosófico da arte desde Platão. Tolstói é outro exemplo ao afirmar que para ser universal é preciso falar (ou se concentrar) em sua aldeia, ou seja, extrair da contingência os elementos que nos permitem conexão com toda a humanidade.

De fato, a teoria da catarse se baseia nesse princípio: a de que o discurso poético tem que ser configurado de tal forma que, embora aparentemente centrado num alinhavado de contingências, têm que ter um quê de geral e arquetípico de modo que fisgue a empatia de espectadores, leitores e fruidores diversos. O artista, como o filósofo, quer falar para o mundo, para o seu tempo e para os tempos que virão. Quer, em suma, constituir memórias. Quer, de alguma maneira, partir das próprias memórias, reconfigurá-las e jogá-las no infinito.

Por um outro lado, a Arte também se revela como um discurso histórico na medida em que dá suporte à própria História para que se configure a memória dos tempos e dos espaços em abordagens diacrônicas, sincrônicas e anacrônicas. Também são bem conhecidos os muitos exemplos de obras de artes "datadas", aquelas cuja importância temporal não ultrapassaram as circunstâncias de uma época. É fato que a permanência da obra não depende só do caráter arquetípico ou circunstancial de sua fatura, mas diz respeito sobretudo ao significado que lhe é atribuído ou negado enquanto valor simbólico pela posteridade, ou seja, a obra está sempre no fio da navalha da sucessão de contextos temporais.

Portanto, "poéticas da memória" talvez seja um assunto que possa ser abordado nesse vai-e-vem entre a contingência e a transcendência temporal numa espécie de trânsito que se alimenta de memórias e projeta novas memórias.

As memórias, então, constituem uma *biografia*, uma grafia da vida que vai sendo tecida ao longo da história do indivíduo em interação com o coletivo. Como o conhecimento coletivo é constituído a partir da projeção (na sociedade) da capacidade dos indivíduos em constituir, reter, inventar e propagar memórias, é sempre pertinente partir das memórias individuais, isto é, dos discursos pessoais.

De que é feita a memória individual? Praticamente de três níveis:

O primeiro nível é o da memória genética inscrita no corpo, herança de ancestrais que reiteraram – gerações após gerações – certos hábitos que nos moldam *a priori* e que se manifestam através dos sentidos em termos de agrados ou desagrados aparentemente inexplicáveis: odores, sons, sabores, formas, cores, gestos... Naturalmente, essa memória virtual da espécie é atualizada (ou não) em cada indivíduo que, ao longo da vida, constrói para si um catálogo de gostos e desgostos únicos. O artista manipula, no ato da criação, seu próprio catálogo intuindo que seus hipotéticos leitores se reconhecerão nele justamente porque eles também têm no corpo a inscrição de um "catálogo geral".

O segundo nível é o da memória do inconsciente, que é a recordação recalcada do trauma, da dor mais profunda, do desgosto mais indizível, da sensação mais obscura. Lacan dizia que o inconsciente se estrutura como linguagem e eu diria que se estrutura mais como uma gramática que serve para a ordenação de um vocabulário da dor e que a psicanálise observa para que esse vocabulário seja reordenado de forma tal que possa fazer algum sentido para o indivíduo. Necessariamente inscrita como catálogo individual a partir daquele catálogo geral da espécie – pelo menos no átimo de duração de uma vida –, não é incomum que o artista lance mão desse catálogo individual sorrateiro para, num

verdadeiro jogo psicanalítico com seu leitor, tocá-lo neste tipo de memória que, grosso modo, não queremos ou não conseguimos expressar.

O terceiro nível de memória é o da consciência: aquelas que, agradáveis ou desagradáveis, são as que nos permitimos lembrar e passamos a vida polindo-as, reinterpretando-as, ressignificando-as, reconectando-as, inflando-as ou desidratando-as. Aparentemente, esta é a memória sobre a qual julgamos ter plenos poderes sobre ela.

Aquela percepção aristotélica que anteviu três tipos de discursos – o arquetípico da Filosofia, o semi-arquetípico da Poética e o contingente da História – pode ser percebida na modulação desses três níveis de memória que acabei de expor. Também pode ser corroborada pelas ciências. Em seu ensaio denominado *O olho e o cérebro* (2002) no qual faz um belo percurso entre psicologia, filosofia, biologia e física para discutir nossa capacidade de perceber, reter e interpretar as coisas do mundo, Philippe Meyer afirma: "Há uma memória de *curto prazo*, processo reciclável, e uma memória de *longo prazo*, que não dependem dos mesmos mecanismos; uma memória *explícita* (ou declarativa), memória verbalizável dos fatos e dos episódios; uma memória *implícita* (ou não declarativa e não verbalizável), que remete ao conjunto das habilidades perceptivo-motoras e cognitivas adquiridas, bastante semelhante à *memória hábito* de Bergson. Há também, identificadas mais recentemente, uma memória *episódica* das informações contingenciais e uma memória *semântica* dos conhecimentos gerais de nosso saber" (p. 20, grifos do autor).

Desnecessário dizer que todos esses níveis de memória também podem ser entretecidas com a memória social.

Voltando a Tolstói, este dizia (ecoando a teoria da catarse de Aristóteles) que "A arte é a atividade humana que consiste em um homem comunicar conscientemente a outros, por certos sinais exteriores, os sentimentos que vivenciou, e os outros serem contaminados por esses sentimentos e também os experimentar" (*O que é a arte*, 2016, p. 12).

Neste trecho de seu *O que é a arte*, o artista russo deixa entrever muito do que definimos como memória anteriormente: "os sentimentos que vivenciou" refere-se, sem dúvida, ao apelo à memória individual em seus três níveis. Como o artista trata de "comunicar conscientemente a outros", é necessário que o artista traga à tona das consciências (inclusive a sua) aqueles dois primeiros níveis que ficam no lodo da inconsciência. Note-se que Tolstói fala em sentimentos vividos e experimentados e não em pensamentos ou sentimentos de outrem, ou seja, o discurso do artista teria mesmo um

caráter autobiográfico. Os sentimentos vivenciados pelo artista são dirigidos "por certos sinais exteriores" a outros homens para que estes, contaminados, possam também experimentá-los. Ora, como podem outros indivíduos experimentar sentimentos de outrem se não tiverem, eles mesmos, condições *a priori* de serem contaminados? Como sabemos, contaminações e infecções só acontecem entre espécies que guardam alguma memória genética comum. Essas condições só podem existir, portanto, se fizerem parte de um mesmo tipo de corpus memorialístico partilhado e partilhável, tanto efetivamente genético quanto potencialmente inconsciente e conscientemente falando.

Osman Lins – como tantos outros artistas da palavra, da imagem, do som e do gesto – corrobora esse raciocínio de Tolstói: "Escrever, para mim, é um meio, o único de que disponho, de abrir uma clareira nas trevas que me cercam. [...] Sem experiência, decerto, não há conhecimento. Contudo, pelo menos no meu caso, mesmo o conhecimento obtido pela experiência é desordenado e informe. Só o ato de escrever me permite sua ordenação; portanto, escrever se me apresenta como a experiência máxima, a experiência das experiências. Minha salvação, meu esquadro, meu equilíbrio"[1].

O artista, através do discurso poético, é um produtor e reprodutor de espelhamentos de memórias.

Mas essas condições da memória e de sua contaminação esbarram numa questão crucial, qual seja, a das relações entre o Eu e o Outro que em termos socioculturais se reflete nas relações entre centro e periferia. Diz-se que vivemos num mundo globalizado, mundializado e multipolar. Também se diz que as fronteiras entre saberes se encontram cada vez mais esgarçadas, mas, na prática, ainda vivemos numa lógica de tensão entre centro e periferia que infecta as relações entre o canônico e o não-canônico ou entre o contingente histórico e o arquetípico filosófico e poético. Obviamente, sabemos que essas categorias (felizmente) não são estanques. Falo no sentido, por exemplo, em que Nova York e outras metrópoles eram províncias culturais em relação a Paris na virada do século XIX para o XX (basta lembrarmos de David Harvey *Paris, capital da modernidade* ou Ernest Hemingway *Paris é uma festa*) ou que muitas capitais europeias se tornaram provincianas em relação a Nova York do entreguerras e do imediato pós-guerra. Ou da Belém que se tornou um dos centros culturais mais efervescentes na virada do século XIX para o XX e novamente na virada do século XX para o XXI em relação a outras capitais brasileiras.

[1] Entrevista concedida a Esdras do Nascimento, in Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 24 de maio de 1969.

A *vibe* do circunstancialmente periférico é fazer da sua aldeia um centro universal, ou seja, é fazer com que suas memórias infectem (e sejam reconhecidas) em/por outras memórias. É torná-la exemplar, modelar, paradigmática – em uma palavra, canônica. Nessa vibe, o risco é de simplesmente trocar um canônico por outro, mantendo o mesmo tipo de poder hegemônico trocando o exemplo, mas permanecendo a estrutura.

E esse risco de trocar o exemplo mantendo a estrutura de poder assenta-se numa longa tradição de pensamento, particularmente ocidental e europeia, que eu não temo em chamar de *monoteísta*. Cânones filosóficos, literários, históricos e artísticos são devedores de uma visão monoteísta de mundo, de submundo e de sobremundo, do qual derivam todas as mônadas teóricas com as quais estamos acostumados e que estão eivadas de absolutismos políticos, nacionalismos estéticos e colonialismos culturais. Mas isso é só parte do DNA inscrito em nossa memória sociocultural. As outras duas partes (a indígena e a africana) são essencialmente *politeístas* como aquelas (greco-romanas) que foram deglutidas e subsumidas na cultura monoteísta, mas que nesta deixaram marcas indeléveis. De resto, há que se afirmar o fato de que o politeísmo das culturas africanas e indígenas não é só um modo de cultura arcaica, mas sobretudo uma visão de mundo que resistiu, sobreviveu e infectou nossa memória contemporânea – o politeísmo é o que temos de mais genético em nossa memória cultural. E essa talvez seja a chave que nos permite perverter o cânone não só como modelo, mas também como estrutura.

Essa perspectiva da memória e sua manifestação através do discurso poético é também corroborada pelas neurociências, particularmente pela agora chamada neuroestética. Jean-Pierre Changeux em seu livro *Razão e prazer: do cérebro ao artista* (1994, versão portuguesa de 1997), afirma:

> A combinação criativa trabalha sobre elementos já estruturados. O artista recorre a imagens e representações "mnemotécnicas", a um vocabulário de formas e figuras que se estabilizaram na sua conectividade cerebral, da mesma forma que a sua língua materna, no decorrer de um longo processo de epigénese por seleção de imagens que marca cada indivíduo por um sinal particular (Changeux, 1994, p. 43).

Atentem para "um vocabulário de formas e figuras [...] que marca cada indivíduo por um sinal particular". E, mais adiante, referindo-se a Lévi-Strauss, Changeux complementa que "A actividade criadora do artista lembra a fabricação das primeiras elaborações do pensamento mítico" (p. 43).

(Eu adoro quando a Ciência, enfim, atesta o que na Arte já é lugar comum; outro dia, falei sobre isto num evento kkk tadinhos deles).

O recurso mnemônico da rima é, como sabemos, um dos recursos mais distintos do discurso poético ainda hoje, como no Cordel e no Rap. Da mesma maneira, podemos pensar em imagens que rimam com imagens e gestos que rimam com gestos etc., numa estratégia mnemotécnica que tem atravessado toda a história das artes, tanto no Oriente quanto no Ocidente.

Por um outro lado, Changeux sublinha o uso que o artista faz de repertórios ou vocabulários que foram formados seletivamente e que marcam a particularidade do indivíduo, mas, ao mesmo tempo, são amparados por um processo inscrito geneticamente, isto é, derivado dos usos de vocabulários e repertórios de nossos ancestrais. De troco, ainda corrobora Lévi-Strauss ao aliar a atividade criadora à elaboração do pensamento mítico. Eis porque critico o uso monoteísta de qualquer cânone, já que temos possibilidades de politeísmos teóricos incomensuráveis. Se o pensamento euro-ocidental só recentemente voltou a abrir-se às delícias do politeísmo sensitivo-cognitivo, temos muito a ensinar-lhes. E uma dessas lições consiste no fato de que trocar de lugar com a periferia nos permite precisar o foco sobre o centro, a perceber melhor o ponto de fuga que preside a perspectiva adotada, a (enfim) perceber melhor que não há centro local que não se alimente do global e vice-versa. Hamid Dabashi (2017, p.49), em *Os não-europeus pensam?* Coloca bem a questão:

> Mignolo, Nigam e eu fazemos parte de uma geração de pensadores pós-coloniais que cresceram compelidos a aprender a língua e a cultura dos nossos interlocutores coloniais. Estes interlocutores nunca tiveram qualquer razão para retribuir. Eles tinham-se tornado provinciais nos seus pressupostos de universalidade. Nós tínhamo-nos tornado universais sob a coação colonial que procurava provincializar-nos.

Então, é preciso continuarmos a exercer nossa capacidade (genética) politeísta nas relações entre centro e periferia. Em Belém, pelo menos duas gerações de críticos, historiadores, filósofos e teóricos da arte veem exercendo essa capacidade de intersecção entre a internalidade e a exterioridade do canônico e do canonizável, isto é, tentando apurar o foco do discurso hegemônico a partir da perspectiva necessariamente ampliada pelo periférico para, na medida do possível, acusar sua origem individualista e perverter o próprio cânone ou, pelo menos, matiza-lo, ressignificá-lo, relativiza-lo ou complementa-lo, ampliando sua organicidade.

Numa lista bem sucinta (e questionável), a primeira geração vai de Eneida de Moraes a João de Jesus Paes Loureiro, passando por Benedito Nunes, Francisco de Paula

Mendes, Vicente Salles, Luzia Miranda Álvares e Socorro Simões, dentre outros. Segue a essa geração uma outra que, de alguma maneira, se embebedou das lições da primeira e é formada por Ernani Chaves, Josebel Fares, Paulo Nunes, Fábio Castro, Marisa Mokarzel, Aldrim Figueiredo e Silvio Holanda, dentre muitos outros – reitero que essas listas não são completas e certamente omitem nomes tão importantes quanto. Vislumbro, ainda, uma terceira geração que segue de perto as duas primeiras e que ora está decantando suas angústias teóricas, mas continua, como as anteriores, debruçada sobre esses rizomas cujas sinapses passam pelo local e pelo global. As fontes são diversas, mas o mote é aquele mesmo que começou a se configurar ainda no final dos anos 1950 com a primeira geração, qual seja, o de transcender as fronteiras estéticas e teóricas mantendo o ponto de vista e o agonismo do ser periférico.

Estou falando, claro, de nosso projeto antropofágico de modernidade que não se inicia na Semana de 22 e muito menos em Aleijadinho. É mais antigo: começa no choque e nas fricções entre as memórias dos autodenominados "metropolitanos" e as memórias daqueles que ainda não sabiam que foram julgados "periféricos". Começou quando o europeu quis aqui replicar seu gosto estético. Mas como não trouxe consigo artistas habilitados, teve que ceder à "memória das mãos" dos nativos que – não à toa – hibridizaram uma iconografia cara à metrópole: e haja pombas divinas e águias imperiais com caras de urubus e araras; cachos de uvas que mais parecem cachos de pupunha ou açaí. Enfim, toda uma iconografia da fauna, da flora e do humano contaminada pelas feições locais. Em contrapartida, as representações da fauna, da flora e do humano ameríndio assumiram na Europa uma feição idealista sob medida para que os colonizadores reiterassem seu suposto papel de "civilizadores".

Em certa medida, esse embate persiste ainda hoje. Mas ele assume despudoramente as memórias híbridas salpicadas em narrativas autobiográficas e/ou biográficas que, até bem pouco tempo, eram consideradas gêneros malditos no campo da História e que, no dizer de François Dosse (*O desafio biográfico*) e de Philippe Lejeune (*O pacto autobiográfico*), são gêneros que a História vem paulatinamente reconhecendo e que fazem com que a própria História, enfim abdicando de sua pretensa cientificidade, se viu obrigada a perceber em seu caráter de discurso enredado entre a Ciência e a Literatura. Isso faz com que o discurso histórico, de alguma maneira, exorcize o vaticínio aristotélico da contingência e saia do armário assumindo suas potencialidades arquetípicas, próprias do poético e do filosófico.

No mais, esse estado de coisas sublinha as individualidades e as subjetividades que fazem a distinção do projeto de modernidade. Com isso, o cânone já não pode mais ser incensado num altar monoteísta, mas, ao contrário, num panteão politeísta. Afinal de contas, o conhecimento com tudo o que está nele contido – imaginários e memórias, visíveis e invisíveis – é uma constelação. Ciências, Filosofias e Artes se atraem e se repelem e servem de insights umas para as outras. Mas é impossível percebê-las, perscrutá-las e calcular suas respectivas trajetórias (passadas e futuras) com telescópios monoteístas, seja em termos epistêmicos, seja em termos estéticos e culturais.

(Afonso Medeiros)

12/12/2018, 18h.

Conferência de abertura do XIII Seminário do CUMA - UEPA

SOBRE O AUTOR

José Afonso Medeiros Souza

Professor Titular de Estética e História (ICA/UFPA). Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq e coordenador do GP História, Arte e Saberes Estéticos (G. PHASE) do PPGArtes-UFPA/CNPq. Graduado em Educação Artística/Artes Plásticas (UFPA); especialista em Belas Artes/Arte-Educação (Teacher Training Program) pela Universidade de Shizuoka (Japão), com monografia sobre a arte e o design tradicional japonês; mestre em Ciências da Educação/Arte-Educação, também pela Universidade de Shizuoka, com dissertação sobre o ideograma como signo estético; e doutor em Comunicação e Semiótica/Intersemiose na Literatura e nas Artes pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com estágio sanduíche de estudo/pesquisa na Japan Foundation Japanese-Language Institute (Kansai) e tese sobre a gravura japonesa dos séculos XVIII e XIX como crônica visual. Realizou Pós-Doutoramento junto ao Programa de Pós-Graduação em Dinâmicas Territoriais e Sociedade na Amazônia (PDTSA) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

ORCID: http://lattes.cnpq.br/6045766440369156

E-mail: saburo@uol.com.br

Recebido: 22/07/2024

Aprovado: 29/10/2024

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Quase memória

Renilda Rodrigues Bastos
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-PA

Após alguns anos em rotas São Paulo/ Belém/ Marajó, em 2003, a Bel Fares volta de seu doutoramento, cabeça fervilhando de ideias e grande vontade de compartilhar conhecimento, principalmente na área da pesquisa. Conversamos eu, Bel e Venize Rodrigues, nossa colega do extinto Curso de Formação de Professores, um curso que nos ensinou tanto e que nos proporcionava tantos momentos de aprendizagem coletiva. Esse curso já tinha apesquisa como o norte, porém, nos ressentíamos de não ter ainda um espaço que coubesse a gente, nossos sonhos e nossos desejos como pesquisadoras. Nossas conversas giravam em torno da criação de um grupo de pesquisa e ter um espaço físico para colher outros pesquisadores, alunos... Nossos primeiros encontros ocorreram na sala dos professores, nos corredores da UEPA e na casa da Bel.

Algum tempo depois, outros colegas foram se juntando a nós, bem como alunos e alunas, como era esperado naturalmente. Nessa época grupos de pesquisa eram poucos e na área de nosso conhecimento não existiam. Com a criação do Curso de Letras em Belém, houve uma forte participação do povo das Letras no grupo que recebeu o nome Grupo de Pesquisa Culturas e Memórias da Amazônia - CUMA, além de tantos da Pedagogia, outros da Música, sempre trazidos pelos professores do CUMA que ministravam aulas no cursos.

O grupo de pesquisa foi se organizando, crescendo e ganhando força acadêmica, visto o grande número de trabalhos apresentados pelos nossos alunos e alunas, monografias, bolsistas desenvolvendo seus projetos, numa sala acanhada que se entrassem duas pessoas, os outros teriam de esperar lá fora. E em pouco tempo nós éramos muitos. Um dia, após andarmos em todos os espaços da UEPA, no nosso campus, sem encontrar, uma brecha maior, uma sala, algo que nos coubesse... E após falarmos com a diretora do Centro, com coordenadores de Curso, chefes dos departamentos, nada foi

possível além da salinha em que estávamos, um puxadinho das COAD a época. Um dia, nos encontamos nos corredores da UEPA e saímos olhando todos os espaços do CCSE, queríamos apenas um espaço maior em que pudéssemos fazer reunião, estudos de grupo, atividades desenvolvidas pelo grupo. Não lembro o nome de todos, porém, lembro da Bel, da Venize e eu, andando pela UEPA, acompanhadas por alguém que abria salas, salinhas, saletas... algumas viviam sempre fechadas, mas ocupadas... Não é novidade que espaço é um grande problema em nosso campus, desde sempre. A Universidade cresceu, atualmente, tantos grupos foram formados e não há espaço, como na época da criação do CUMA, também não havia espaços. No entanto, havia uma salinha fechada, repleta de papéis, mesas, cadeiras e poeira. Parecia que não era usada fazia tempos. Lembro-me que nossa vontade de ter um espaço era tão grande que nos apossamos da sala, limpamos e começamos usar a sala, sem danificar o que lá existia, como era de se esperar, as "donas" apareceram para nos dizerem o que funcionava ali, ninguém via, a sala vivia fechada e pelo estado dela não funcionava, mas nos disseram que "funcionava" lá um projeto, apesar de ser visível que na verdade funcionava como um depósito.

Segundo as professoras, a sala era delas, e, nesse sentido, estas senhoras não imaginavam que nossa posse não era de brincadeira, era uma posição política. Ficamos lá com os papéis... Nossa presença incomodou e os incomodados se mudam. Fincamos nossa bandeira ali, e com o tempo elas saíram, nós ficamos, crescemos tanto, ganhamos o primeiro lugar de um projeto nacional, após tanto debate, tantas horas de trabalho e algumas lágrimas, esse projeto nos deu algumas possibilidades, sem cumprir claro todas as promessas do prêmio. Fizemos grandes projetos de pesquisa que envolvia a memória da cidade, da artre, dos mestres, projetos que preservam a memória coletiva, trajetórias e muitos saberes fundamentais formais e informais. Além das pesquisas, muitas preservadas em livros, temos nossa revista Sentidos da Cultura, participamos de projetos de extensão e ensino, nossos acervos apontam muitos dos caminhos trilhados pelo grupo.

Fico tentando me lembrar da fisionomia das pessoas que por lá já passaram, lembro-me de muitos rostos, mas não de todos os nomes. Lembro-me de que nossos primeiros bolsistas tiveram fazer prova de redação, claro para nós era importante saber escrever bem e sacar um pouco sobre temas de nosso grupo.

Acompanhei e vivi a história dos começos, até que em 2005 fui aprovada no doutorado de Antropologia da UFPA, por esse motivo fiquei com 20h apenas para ministrar aulas e o resto para dedicar aos estudos, nesse aspecto é difícil para quem faz pós na terra que se vive, porque a pessoa é castigada, foi um tempo que eu só participava

das reuniões do CUMA, a própria Bel Fares, coordenadora do CUMA achou melhor eu me afastar, sem perder no entanto as notícias do grupo.

O CUMA sempre funcionou bem, apesar de nossas impossibilidades acadêmicas no sentido mais geral da universidade, poucas bolsas, para todas as atividades emanadas do grupo. Além da aulas normais dos cursos, entretanto as prioridades do grupo de pesquisa possibilitou que no decorrer do tempo, por seu mérito, transformasse em núcleo de pesquisa, de extensão e porque não dizer de ensino, nossos alunos e nós professores estamos sempre em constantes aprendizagens.

Para escrever as memórias do CUMA seria difícil, porque é a história de muitos trabalhos realizados, de muita gente, como, por exemplo, uma das primeiras ações do CUMA que envolveu alunos da UEPA e os velhos do Pão de Santo Antônio, as Memórias de Mestre, a Música no Pão, a participação do Griot em muitos eventos, o cinema e a plateia... exemplos, apenas, porque esta história vai ser escrita pela memória dos participantes, acho que já é possível fazer um projeto para escrever a história do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas.

Uma história cheia de capítulos escrita a muitas mãos e passadas por tantas cabeças, o Cuma comporta mais que sonhos, realiza feitos, alguns com muito sacrifício, como foi o PROEXT, nossa! Escrito entre lágrimas de cansaço. A gente se junta e acaba dando certo e, então, sonhos viram realidades, o novo sempre vem, o passado é sempre revisitado, como estamos fazendo agora, porque não podemos esquecer o que nos trouxe até a este lugar. CUMA? NU- CUMA? CUMA. Houve polêmica, não havia consenso, mas no conflito a gente também cresce, como todos nós sabemos: o campo do conhecimento é multifacetado e é palco de conflito, no entanto nunca nos esquecemos que o OUTRO sou eu!!

"Não quero lhe falar meu grande amor das coisas que aprendi nos discos..." Agradeço à Bel e Venize mães fundadoras do CUMA, e, a todas as pessoas, inclusive as que já partiram como é o caso de nossa querida professora Vasti Araújo que tanto colaborou com o CUMA Um grupo, um núcleo, que tem dado tantos frutos para além das questões acadêmicas, então preservar nossas memórias é uma forma de manter viva a nossa identidade como grupo, uma forma para que as pessoas que fazem parte deste Núcleo expressem o seu sentimento sobre este "lugar da memória".

" E deixa que digam que pensem que falem..."

SOBRE A AUTORA

Renilda do Rosário Moreira Rodrigues Bastos
Possui Pós-Doutorado em Educação (PPGED-UEPA). É doutora em Ciências Sociais - área de Antropologia (UFPA). Mestre em Teoria Literária (UFPA). Especialista em Literatura Infanto Juvenil (PUC/MG). Graduada em Letras e Artes (UFPA). É professora Adjunto IV da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Pesquisa Poéticas da Oralidade, Literatura e Antropologia, Antropologia da Infância , Literatura e Sociedade, Literaturas de Língua Portuguesa, Formação de Leitores Literários e Literatura Comparada e Poéticas da Oralidade. É membro do Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/ UEPA) e do Grupo de Contadores de História – GRIOT. Estuda a História dos Contadores Tradicionais e Contemporâneos e seus movimentos no Brasil (CNPQ), grupo ligado ao Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA).

ORCID: https//orcid.org/0000.0002-3576-3791
E-mail: renildabastos@hotmail.com

Recebido: 29/01/2025

Aprovado: 25/03/2025

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Às companheiras e aos companheiros do CUMA

João Colares da Mota Neto
Universidade do Estado do Pará -UEPA
Belém-PA

Belém, 19 de dezembro de 2025

Na comemoração dos 21 anos do CUMA, quero manifestar meu carinho e minha admiração por vocês, que são nada menos que "essenciais" na vida da UEPA e, em particular, do CCSE. Posso ir além e destacar toda a contribuição dessa "escola" – bem mais que grupo de pesquisa – para as artes e a ciência na Amazônia e no Brasil. De fato, vocês dão voos altos e constroem conhecimentos, experiências e referências que alcançam muita gente, e em tantos lugares.

Quero falar, no entanto, da maneira como o CUMA me atravessou (e continua a fazê-lo) ao longo desse tempo. Rápidas lembranças. E que gostoso é rememorar essa história!

Conheci, por volta de 2003, a Profa. Dra. Josebel Akel Fares numa pesquisa interdisciplinar que fizemos no CCSE sobre saberes, representações e imaginários de comunidades ribeirinhas de São Domingos do Capim. Acho que desde ali descobri que ela gosta mesmo é de ser chamada de Bel. Um primeiro estalo com essa coisa dos nomes: dá pra viver a universidade sem o pedantismo costumeiro. Dá pra construir conhecimento com afeto, alegria e generosidade. Por meio dessa pesquisa, no eixo coordenado pela Bel, fiz o primeiro mergulho nas poéticas orais amazônicas. E também aprendi que não se deve interromper o narrador para fazer mais perguntas quando ele ainda tá no meio de uma história. Desculpa aí,

Bel...estávamos só começando. Risos.

Ah, não posso esquecer de dizer que sempre fui apaixonado pelo Griot. Assisti tantas vezes e sempre com empolgação. Mil parabéns, Renilda e toda a trupe elegantemente vestida de preto.

Entre 2006 e 2008 fiz Mestrado em Educação no PPGED, orientado pela Betânia, que, naquele momento, estava vinculada ao CUMA. A pesquisa sobre educação, cultura e saberes em terreiro de religião afroamazônica (Tambor de Mina) foi muito bem acolhida pelo grupo e, nesse espaço, encontrei referências para pensar a educação além das caixinhas.

Todo esse tempo foi também de amizade com pessoas queridas como Cristina e Venize. O humor da Cristina é muito a cara do CUMA, assim como a firmeza de posicionamentos da Venize. O CUMA é isso: construção de conhecimento com bom humor, convicção política, leveza e generosidade.

o tantas memórias. Mas aí vai a última, para não estender demais a carta. Como professor do PPGED, trabalhando lado a lado com Bel e Cristina (e mais recentemente com Paulo), acompanhei toda a potência das pesquisas sobre educação sensível. Lembro de muita gente importante que pesquisou o tema, mas finalizo com a memória de ter participado da banca de tese da Dia. Pesquisa simplesmente sensacional, feita por uma pessoa maravilhosa, que tem açúcar no olhar.

André e Jessi, não esqueci de vocês. Tem sido uma experiência muito bacana construir com vocês a Cátedra Sérgio Vieira de Mello e trabalhar a inclusão de pessoas refugiadas na universidade. Mas vou finalizar mesmo com a Dia porque, afinal de contas, ela é a atual coordenadora, né? Beijos, amada.

Com afeto,

SOBRE O AUTOR

João Colares da Mota Neto

Professor da Universidade do Estado do Pará (UEPA), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação e às Licenciaturas em Pedagogia e Ciências da Religião. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-Nível C). Bolsista de Pós-Doutorado Sênior do CNPq, em conexão com a Cátedra UNESCO em Educação para a Cidadania Global e a Justiça Socioambiental, da Universidade de Caxias do Sul. Realizou investigações de pós-doutoramento na Universidad de Sevilla e na Universidad de Málaga, Espanha. Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará (UFPA), com Doutorado Sanduíche na Universidad Pedagógica Nacional de Colombia. Mestre em Educação e Licenciado em Pedagogia pela UEPA. Desenvolve pesquisas nas áreas da Educação Popular e dos Estudos Decoloniais, com ênfase nos processos educativos insurgentes de movimentos

sociais, comunidades populares e povos de Abya Yala e, em particular, da Amazônia brasileira e internacional.

ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3346-1885

E-mail: joaocolares@uepa.br

Recebido: 20/12/2025

Aprovado: 29/12/2025

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

CUMA: uma escola

Advaldo Castro Neto
Universidade Federal do Pará-UFPA
Belém-PA

Falar do CUMA, inevitavelmente, é falar de Josebel Fares! Ou como ela prefere, Bel Fares, a mãetinta mor de uma geração profícua que estuda as memórias e culturas amazônicas. Privilegiado que sou, sempre a tive ao meu lado, afinal, somos filho e mãe. Mas, na academia, nada de privilégios, a ética sempre foi e continua nos sendo cara e categórica. Mas, claro, ela que me levou, proporcionou-me adentrar neste lugar mágico, mito-poético chamado CUMA.

Contudo, falar de CUMA é falar também de Venize e Renilda (as quais me conhecem desde a mais tenra idade) e que são pilares-companheiras-parceiras do CUMA e Bel. Mas, para mim, este lugar que não tem espaço físico, embora tenha[2] igualmente é Vasti Araújo! Com esta mulher aprendi muito sobre cinema e outras bossas, e aqui no CUMA fomos parceiros, ao lado do cinéfilo Marco Antônio[3], num projeto de iniciação científica chamado "Curta o Cinema".

Acompanho o CUMA há 21 anos. Desde quando, em 2004, ainda na graduação na UFPA, registrei audiovisualmente as entrevistas de pesquisa de iniciação científica acerca da memória da Belém de antigamente a partir das vozes dos velhos do Pão de Santo Antônio, as quais se transformaram em textos num livro, editado em 2010 pela EDUEPA, organizado por Bel, no qual pude contribuir em parceria com Renata Lameira, com o capítulo sobre a radionovela e a televisão.

No CUMA eu aprendi a ser pesquisador, a como proceder metodologicamente em uma pesquisa acadêmico-científica. Métodos, etapas, bibliografias, objetivos, justificativas e todos esses troços próprios da academia. Este aprendizado se dava tanto ouvindo e vendo as diversas pesquisas de seus integrantes nos Seminários realizados,

[2] Ali no térreo do terceiro bloco do CCSE/UEPA.
[3] Outro importante membro do Núcleo.

tradicionalmente há décadas, em dois dias do mês de dezembro[4]; quanto na prática da pesquisa, realizada no CUMA ou fora.

Todas as pesquisas desenvolvidas fora do CUMA, pude apresentá-las nestes seminários, entre elas destaco sobre Líbero Luxardo; cinema no Pará; Walter Bandeira e Grupo Gema e Tacacá e a sociabilidade belemense. Na revista Sentidos da Cultura publiquei alguns artigos[5].

Não só aprendi como gostei de fazer pesquisa, principalmente, na perspectiva da história oral, memória e Amazônia. Não à toa mestrado e doutorado a perspectiva é esta, seja para tratar de cinema, seja para tratar de música popular instrumental. Até mesmo minhas incursões na antropologia alimentar a perspectiva continua nessa tríade.

Porquanto, as bases de meu *eu*-pesquisador foram alicerçadas neste percurso de 21 anos de (com)vivência com todos os membros deste grupo imenso, não só de coração, mas de gente mesmo, mas tudo gente da mais alta qualidade – principalmente no que se refere à educação sensível como diferencial para uma sociedade cada vez mais doente e carente de escutas, olhares e educação para o sensível, ou seja, para a multiplicidade das possibilidades de ser e estar aí *com* e não *para*.

Essa não só é a educação defendida pelo CUMA, mas também por ele propalada, por intermédio de seus membros espraiados por diversas instituições. Quando falo em membros não contabilizo ex e atual, pois inexiste isso no CUMA. Todos são membros vitalícios!

Gostaria de lembrar, inclusive, que não fui só eu que aprendi no CUMA. Sei que esquecerei muitos nomes, mas ousarei citar alguns da minha geração, meu querido atual orientador no doutorado, Dênis Bezerra é cria do CUMA, assim como minha colega da Filosofia, Merynilza, o queridaço Edne Maués, Flávio – que foi meu aluno na UEPA...

Por fim não poderia deixar de citar a Cristina, Jessie e Dia neste constructo que é o CUMA[6]. Dia praticamente personifica, hoje, a mãetinta, seu coração pulsa forte no repercutir deste tambor ritualístico que se tornou o CUMA, ainda mais no desfecho de seu almoço de causar frisson aos deuses amazônicos. A Dia não só ouviu o "fiti fiuite", aceitou-o!

[4] Próximo ao término do semestre letivo.
[5] Partes de minha dissertação e um texto sobre filosofia da educação.
[6] Além claro de tantas outras constelações não mencionada aqui neste curto espaço. Afinal, cada um de nós é um universo.

O CUMA é mais que um Núcleo, é uma casa que aconchega todos que nela querem adentrar, conhecer e trocar. Essa casa é muito parecida com uma que eu morei e continuo a frequentar, fica em Netuno, no sexto andar.

SOBRE O AUTOR

Atualmente, professor de Filosofia na Rede Estadual de Ensino, no Pará. Doutorando em Artes (ICA/UFPA). Mestre em Artes (ICA/UFPA). Graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Pará. Pesquisa estéticas modernas e contemporâneas, discute as relações entre indústria cultural e processos de produção poética. Atua enquanto pesquisador, principalmente nos seguintes temas: filosofia, filosofia da arte, música, cinema, memória e antropologia alimentar. Participa do Grupo de pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA/UEPA).

http://lattes.cnpq.br/8039904400178919
E-mail: advaldocastro@uol.com.br

Recebido: 22/07/2024

Aprovado: 30/09/2024

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

CUMA: memória cultural com tradução afetiva

Tereza Cristina Vasconcelos de Souza
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-PA

Meu encontro com o Núcleo de Pesquisa Memórias e Culturas da Amazônia – CUMA, foi uma verdadeira volta ao passado estudantil, adormecido, guardado em minhas memórias, por algumas décadas. Como diz o poeta Milton "os sonhos não envelhecem" e partindo dessa premissa, resolvi ouvir os apelos da família e mais especificamente, da filha Tatiana, recém concluinte no Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará, para voltar aos bancos da academia. Eu com quase 60 anos, iria sentar juntamente com contemporâneos, de um Brasil, socialmente e politicamente, ainda em ebulição.

Iniciou minha imersão na academia, me apresentando as possiblidades de disciplinas e professores para que eu pudesse iniciar como aluna especial e assim ir pavimentando um caminho até a realização da seleção.

Um nome, dentre o quadro docente me chamou a atenção e despertou mais ainda meu interesse em voltar aos bancos de uma universidade. Havia, ali uma professora que, anos atrás andávamos de braços dados, na mesma trincheira, lutando em várias frentes, desde a meia passagem estudantil até a derrubada dos militares que manchavam nossa história com a mais violenta ditadura instalada na América latina, prendendo e matando muito dos nossos. Sim, aquela mana de tantas lutas, seria mais um incentivo para eu voltar aos bancos da academia e a empunhar bandeiras pelas melhorias da educação e do acesso a um ensino público de qualidade, com quem já havia dividido sonhos de uma sociedade igualitária, democrática e fraterna.

Seu nome Josebel Akel Fares. Sim, esse nome alavancou meu desejo em cursar o mestrado, sem saber se iria conseguir tal façanha, uma vez que a cada ano, o número de inscrições para o processo seletivo só aumentava. Um dia, cruzei com ela nos corredores

e perguntei se teria alguma chance depois de décadas paradas. Ela disse que sim! E isso foi suficiente para eu me atirar nos textos e leituras obrigatórias para encarar o processo seletivo. Sabia que não seria fácil, mas estava disposta a concorrer, já havia ultrapassado barreiras bem mais difíceis durante a vida profissional, desenvolvida aqui e ali, passando por diversos órgãos e escolas, aprendendo e ensinando uma nova lição.

Como disputar em meio a tantos jovens recém-formados com a cabeça ainda fresquinha de conhecimentos e do mundo acadêmico, que eu havia deixado para trás lá pelos anos 90. No entanto, a vontade despertou e no processo seletivo de 2019, consegui ser aprovada em uma vaga na linha de Saberes, justamente escolhendo como orientadora a companheira de lutas de um tempo nefasto, mas muito rico de pessoas que trilhavam em busca dos mesmos sonhos: uma sociedade onde todos e todas tivessem os mesmos direitos.

No início não foi fácil, pois a distância de três décadas, entre a vida profissional e a academia me apontava um novo cenário, com disciplinas, livros, trabalhos em grupos, seminários, rodas de conversas e uma mochila com caderno e caneta que eu havia deixado na gaveta há muitos anos. Mas, o horizonte apesar de novo, me remetia aquele tempo em que conheci a universidade, eu outro contexto, diferente, mas que me fazia adentrar pelos mesmo corredores, em busca de um novo sonho; ser mestre em Educação.

O aceite por parte da professora Bel Fares em orientar o desvelamento deste sonho, foi possível, a partir do despertar de um sonho, incentivada que fui pelo Núcleo de Pesquisa Cultura e Memórias da Amazônia- CUMA, onde comecei a alicerçar as trilhas que viriam pela frente. E ali fui frequentando, ouvindo, questionando, até me tornar membro pesquisadora.

O estímulo em ir em busca da minha ancestralidade quilombola, adormecida, mas, não silenciada, foi alimentado pela orientadora que me ofereceu várias leituras para melhor sustentar meu projeto de pesquisa. Com uma farta bibliografia e as orientações recebidas, rumei em direção aos mestres, que lá atrás me encantavam com seus batuques, nas animadas rodas de carimbó, durante o festejo de São Benedito, no município de Santarém Novo.

No cerne da pesquisa, havia o interesse, estimulado por meio do CUMA, em desvelar os saberes inerentes dos mestres de carimbó de Santarém Novo, fato muito discutido pelas rodas de conversas que havia presenciado nas reuniões do Núcleo sobre a cultura amazônica e seus componentes.

Foram esses saberes que me despertaram para conhecer e enxergar, com outro olhar, a produção dos mestres de carimbó, pertencentes à Irmandade de São Benedito, na comunidade santarena.

Inicialmente, essa investigação teve como objetivo mapear esses saberes a partir das tecituras que se entrecruzam no fazer cotidiano dos mestres, e que são expressas em suas narrativas de vidas. Reconhecer esses saberes, portanto, representava para mim, o marco principal deste estudo. Para tanto, utilizei, inicialmente, como metodologia, pesquisas documentais, bibliográficas, entre alguns achados nas prateleiras do Núcleo Cuma.

Paralelamente, entre uma escrita e uma escuta, comecei a participar dos eventos do CUMA, que iam pavimentando as trilhas que teria que percorrer para responder as questões que a pesquisa suscitava. Aqui é preciso reconhecer que foi essencial andar de mãos dadas, não só com as professoras e suas disciplinas, como também com amigas que foram verdadeiros achados, nas atividades do CUMA. Foram elas, as "miçangueiras", que também facilitaram a interação ao meio acadêmico, por meio do farol CUMA, que despertava em cada um de seus integrantes, a vontade em desvelar memórias e sonhos adormecidos.

O cruzamento entre os diversos saberes fez com que novos olhares foram sendo tecidos com relação ao campo de pesquisa. Não bastava observar a vida dos mestres para descobrir seus saberes. Era preciso estabelecer um processo de escuta, de acordo com suas vontades e não da pesquisadora. Era ali o começo do processo de pesquisa sensível defendido pelo CUMA e sua coordenadora e minha orientadora à época, Bel Fares.

Sabemos que a academia nos proporciona diversos olhares enquanto sujeitos do campo científico. Mas, foi por meio das atividades do CUMA em parceria com as professoras que dele fazem parte, que fui, aos poucos, mudando, por exemplo, meu olhar com relação ao imaginário amazônico. Um olhar que foi sendo construído de forma plural e multifacetado, pois para além da epistemologia científica, surgia ali, no CUMA, um campo epistêmico mais sensível, de produção de subjetividade por meio de pesquisas que, ainda hoje, rompem com o enclausuramento do saber acadêmico.

Nesta linha de reconhecimento de saberes, temos nos pautado a partir de vários estudos que fomos construindo ao longo do Mestrado, que nos permitiram refletir as teorias que hoje, nos dão suporte para o desvelamento dessa tecitura de saberes. Conhecemos um pouco mais de grandes estudiosos da poética oral como Zumthor, Bachelard, Jerusa, Paes Loureiro, e tantos outros. Ampliamos nossa visão e a capacidade

de compreender o imaginário amazônico e seus desdobramentos nos campos da literatura e da poética.

Aliar as diversas linhas de pesquisas às atividades rotineiras do CUMA facilitaram, em demasia, a compreensão do universo do tema pesquisado, uma vez que, o pesquisador utiliza seus aprendizados e experiências, para nortear sua desenvoltura no campo.

Dentre as temáticas que roteirizam os estudos, pude atentar para a importância de se estabelecer um debate sobre o reconhecimento de narrativas amazônicas o que já vem sendo objeto de estudo de vários autores e pesquisadores da região norte, influenciados pelo CUMA.

A constatação dessas pesquisas nos diz que "não existe uma única cultura ou uma única identidade amazônica. Essa compreensão deve ser concebida sempre no plural, pois segundo Fares (2002), "essas narrativas trazem marcas do híbrido e da mestiçagem, e reconhecem as presenças indígenas, africanas, libanesas, nipônicas, entre tantas outras. Para ela "são essas vozes poéticas de múltiplos sotaques e línguas que fundam a Amazônia" (Fares, 2002, p.102).

Foi por meio do CUMA, que aprofundei meus conhecimentos sobre cultura popular e, mais especificamente, sobre o carimbó. Criado no século XVII por negros africanos, moradores do nordeste paraense com fortes influências indígena e ibérica, é uma das mais tradicionais expressões culturais do estado do Pará. Entender o que é cultura e, perceber que todo ato humano se traduz em cultura, foi uma descoberta que até então, ainda não havia refletido sobre.

Foi a partir desta compreensão, que conheci o carimbó como manifestação cultural, e que, apesar de ter se originado entre os escravos, o nome carimbó tem origem indígena. Com o tempo, carimbó passou a referir-se não apenas aos tambores, mas também à dança associada ao ritmo produzido pela percussão. Hoje, a expressão carimbó é utilizada como referência às performances que envolvem dança, batuque, música, indumentária e coreografia.

O reconhecimento do carimbó, como patrimônio imaterial da cultura do Brasil é considerado pelos mestres que lutaram para que isso ocorresse, como um fato marcante para a cultura popular. Essa é uma constatação dos próprios integrantes das associações de carimbó, que, conseguiram legitimar a manifestação após três séculos de existência. Foi por meio deste estudo que pude observar que o caminho a ser percorrido ainda é muito

longo para que se tenha não só o reconhecimento de forma ampla, mas a validação dos saberes de tantos mestres, inclusive no tocante, aos saberes diversos que estão por trás das composições de carimbó, permeadas por narrativas cotidianas e que expressam as suas histórias de vida.

Os eventos, encontros, reuniões e rodas de conversas na sala do CUMA, tão simbolicamente localizada no corredor três, ao lado da sala de recital, encamparam sonhos e descobertas que fluíram no imaginário de todos aqueles que tiveram o privilégio de poder contar com os inúmeros livros que ficam à disposição dos que buscam conhecer os encantos poéticos guardados em suas páginas. O CUMA também, em sua dimensão de Núcleo de Pesquisa, oferece uma biblioteca que é nosso domínio público. Lá se encontram as obras de grandes autores brasileiros e mais especificamente, da Amazônia, enriquecidos pelos lançamentos organizados por seus professores e alunos.

Trabalhamos cada pesquisa de campo, cada encontro e festejo de São Benedito, agora, com as leituras efervescentes que as reuniões do CUMA sempre nos propuseram. O envolvimento com professores da literatura amazônica, ia abrindo nossos olhares e as trilhas para o reconhecimento do homem amazônida. Suas trajetórias, memórias e campo imaginário sempre norteando nossas passadas, iluminadas pelas atividades que desenvolvíamos no Núcleo. Para além do conhecimento científico, tínhamos um envolvimento afetivo que transformava as aulas em verdadeiros espaços de trocas e de diálogos, onde se conspirava sempre em benefício do coletivo. Conheci ali, o que de fato era a educação por meio da sensibilidade. Uma educação para além dos cânones da academia e, que transformava suas fogueiras de vaidade, em uma festa democrática, intelectual, mas, acima de tudo, fraternal. E isso foi assegurado sempre pelos professores que passavam e que deixavam suas marcas no Núcleo CUMA. Entre pesquisas e estudos a gente caminhava por entre rios de gargalhadas em meio aos tropeços, que tornavam as coisas mais leves e brandas. As cobranças se dissipavam em meio às orientações pelos corredores e na sala do CUMA, entre cafés e muitas ideias que acordavam os ouvidos para histórias encantadas, de quem já não mais estava presente.

Para além de um espaço de produção científica, o CUMA nos faz despertar para a valorização da nossa literatura tão rica, mas ainda desconhecida de grande parte da nossa população.

Entrar para o CUMA nos últimos seis anos, me possibilitou viajar nas encantarias amazônicas e conhecer mais de perto as obras de grandes escritores paraenses, que até então só conhecia superficialmente, de pequenos trabalhos escolares. Despertar para a

poesia, me encantar com a Minemosine e a poésis, me fez entender a vida de forma mais sensível e leve.

Os cafés na casa da professora Bel Fares, com nossas rodas de conversas, risadas e discussões sobre literatura e orientações dos nossos escritos, são uma extensão do CUMA. Ela, que sempre, generosamente, abre as portas de sua casa, de sua biblioteca para nossas pesquisas, enchendo nossas xícaras de café e muito afeto. E foi esse perfil sensível e humano, dessa criatura que coordenou o CUMA por meias de 20 anos, que nos incentivou a olhar a literatura de maneira diferente, vivendo emoções, descobrindo canções que nos acalentam até hoje.

Hoje, uma nova geração anima a sala do CUMA, e enche de vida o espaço por onde muitos já passaram e deixaram suas pesquisas, como exemplo de estudo e, para além disso, exemplo de vida acadêmica.

Passados os 20 anos, o Cuma, continua de portas abertas para velhas e novas gerações. Falar de um período é pouco perto do muito que o Núcleo já produziu em termos de pesquisa e de mudanças nas pessoas. Ao contar um pouco de sua história, que atravessa a minha, é alimentar a alma de um tempo que não acaba, mesmo quando a gente sai da Universidade, o pulsar do CUMA permanece na alma e na memória, vivo, latente, como se tivéssemos voltando para o começo. Gratidão Bel Fares! Obrigada CUMA!

Referências

BRANDÃO, C.R., **A educação como cultura**. Campina/SP: Mercado das letras, 2002.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FARES, J. A. **Cartografia Poética**. In: OLIVEIRA, I.A. (org.) Cartografias Ribeirinhas. 2[Ed. Belém: Eduepa, 2008.p.101-110.

FARES, J. A. C**artografias marajoaras:** cultura, oralidade, comunicação.2003. 250f.Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2003.

FERREIRA, J.P., **O universo conceitual de Paul Zumthor no Brasil**. Revista do IEB, n 45. São Paulo, 2007, p. 141-152.

_____ **Armadilhas da Memória e outros ensaios**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2003.
LOUREIRO, J.J..A **cultura amazônica: uma poética do imaginário.** Belém, CEJUP,1994.

SOBRE A AUTORA

Tereza Cristina Vasconcelos de Souza
Mestre em Educação (UEPA). Possui graduação em Comunicação Social (UFPA). É especialista em Gestão de Comunicação e Marketing. Profissionalmente, exerceu as funções de diretora de comunicação e eventos do Conselho Estadual de Educação do Pará e de professora colaboradora da Secretaria de Estado de Educação do Pará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Comunicação Social. Exerce a profissão de professora desde 1985, tendo atuado em vários municípios, ministrando as disciplinas de Redação, Artes e Língua Portuguesa. Também coordenou o primeiro vestibular da Universidade Federal do Pará, em Soure, no arquipélago de Marajó. Como jornalista exerceu assessoria de comunicação em vários órgãos das esferas estadual e municipal, tendo trabalhado na elaboração de projetos comunicacionais. Atualmente é pesquisadora do Núcleo de Culturas e Memórias da Amazônia CUMA/UEPA.

http://lattes.cnpq.br/4396975183173105
E-mail: tete47@gmail.com

Recebido:28/08/2024

Aprovado: 19/10/2024

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Pertencer para celebrar: Entre encontros e memórias uma carta ao CUMA

Belonging to celebrate: Between encounters and memories, a letter to CUMA

Helena Ferreira Rebelo
Universidade do estado do Pará-UEPA
Belém-PA

Sheyla Campos Almeida
Secretária de Educação-SEDUCA/PA
Belém-PA

Resumo

Este texto apresenta um relato de vivência no Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA), destacando experiências de acolhimento, construção coletiva e celebração da cultura amazônica. A narrativa parte da chegada recente da autora ao núcleo, descrevendo as dinâmicas de convivência, as reuniões interdisciplinares e a participação no XX Seminário do CUMA como momentos fundamentais para a compreensão do pertencimento e da memória coletiva. O texto evidencia o CUMA como um espaço que ultrapassa a pesquisa acadêmica, configurando-se como um lugar de encontro, troca, reconhecimento e celebração das identidades amazônicas.

Palavras-chave: CUMA; Memória; Cultura amazônica

Abstract

This text presents an experiential narrative at the Núcleo de Pesquisa Cultura e Memória Amazônica (Amazonian Culture and Memory Research Center - CUMA), highlighting experiences of welcoming, collective construction, and celebration of Amazonian culture. The account begins with the author's recent arrival at the center, describing moments of coexistence, interdisciplinary meetings, and participation in the 20th CUMA Seminar as fundamental experiences for understanding belonging and collective memory. The narrative portrays CUMA as a space that goes beyond academic research, becoming a place of encounter, exchange, recognition, and celebration of Amazonian identities.

Keywords: CUMA; Memory; Amazonian culture

Pertencer para celebrar: Entre encontros e memórias uma carta ao CUMA

Escolhi partilhar esta carta porque percebi que minha breve caminhada no CUMA já carrega significados profundos demais para ficarem só comigo.

Cheguei ao CUMA há pouco tempo, sem saber muito bem onde estava pisando. Mas, desde o primeiro dia, algo me surpreendeu: a sensação imediata de estar em casa. Fui acolhida sem reservas, recebida com sorrisos sinceros e com uma vontade profunda de partilhar; partilhar cultura, história, identidade e caminhada. Ali, percebi que o CUMA é mais do que um núcleo de pesquisa: é um encontro de pessoas que desejam compreender a Amazônia começando por si mesmas.

Nas reuniões, pude ver gente de cursos diferentes, formações distintas e trajetórias completamente únicas trabalhando juntas. Cada um trazendo um pouco de si, suas memórias, suas leituras e suas inquietações. É bonito perceber como tudo se costura: uma ideia lançada, outra complementada, outra acolhida, e assim vamos construindo algo coletivo, vivo, que se move.

E então veio o XX Seminário do CUMA, onde tudo o que eu já tinha sentido se confirmou. Participar de uma equipe tão dedicada e disposta a fazer o melhor possível, mesmo no cansaço, fez toda a diferença. Havia cuidado em cada detalhe, havia propósito em cada parte da programação, havia amor por aquilo que estávamos celebrando. E, acima de tudo, havia gente - gente inteira, entregando o melhor do que tinha.

A presença dos professores, cada qual com sua história, seu sotaque, sua luta e sua formação, trouxe uma riqueza que não dá para medir. Cada fala carregava mundos. Cada experiência compartilhada ampliava a nossa. E a homenagem à Bel… aquela homenagem guardava a essência do CUMA: reconhecer quem constrói, quem sustenta, quem acredita. Era impossível não se emocionar com a força da narrativa e com o legado que ela deixou.

CUMA

No silêncio fértil das ideias,
onde a pergunta encontra o chão,
nasce o gesto que semeia
ciência, afeto e reflexão.

CUMA é ponte que se estende,
é chama viva a iluminar,
é mente inquieta que aprende
e ensina o mundo a pesquisar.

Entre livros, vozes e encontros,
tecem redes de saber,
transformando sonhos em fontes,
fazendo o futuro florescer.

Cada estudo é passo firme,
cada troca é construção,
no diálogo que confirma
a força da união.

Que sigam firmes na jornada,
com coragem para inovar,
pois onde há busca compartilhada,
há novos mundos a brotar.

CUMA, mais que grupo, é história,
é presença, é inspiração —
marca viva na memória
e no coração da educação.

(Sheyla Campos)

Viver tudo isso me fez entender que o CUMA é feito de celebrações, não só as formais, mas aquelas que nascem no meio do trabalho, da correria e do sorriso compartilhado. A gente aprende, ri, pesquisa, se ajuda. E, assim, cada momento se torna único. Cada encontro vira memória, e essas fazem parte da construção da nossa cultura.

E, se a revista traz como norte o "celebrar para viver, viver para celebrar", eu posso dizer que o CUMA me ensinou exatamente isso. Porque aqui a gente vive a cultura, e viver a cultura é celebrar quem somos, o que aprendemos e o que fazemos juntos.

Sigo com gratidão. Pela acolhida. Pelas vivências. Pela chance de fazer parte. Mas, principalmente, pela sensação de que, mesmo tendo chegado há pouco tempo, já pertenço.

SOBRE AS AUTORAS

Helena Ferreira Rebelo
Estudante do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Pará (UEPA), atualmente no 2º período. Bolsista PIBIC no Museu Paraense Emílio Goeldi, atuando na coleção aracnológica. Possui experiência acadêmica na organização do XX Seminário do CUMA e na mediação da exposição do Herbário MFS, realizada em parceria com o PPGED durante a COP 30, no Porto Futuro II, contribuindo para

atividades de divulgação científica e institucional.

ORCID: https://orcid.org/0009-0001-7660-5888
E-mail: lena.ferr79@gmail.com

Sheyla Campos Almeida
Doutoranda em Educação (UEPA). Mestra em Educação (PPGED/ UEPA), Especialista em Educação em Língua Portuguesa e Análise Literária pela Universidade da Amazônia (UNAMA), Licenciatura Plena em Letras: Português/ Inglês pela Universidade da Amazônia (UNAMA). Atualmente é professora readaptada, na função de vice direção escolar (SEDUC). Áreas de interesse de estudo e pesquisa: narrativas orais, literaturas e letramento.

ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7060-7471
E-mail: sheylac65@gmail.com

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Semovências e Permanências: um breve relato sobre o cotidiano da pesquisa sensível no Núcleo CUMA

Naira Kamekran
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-PA

Roberta Isabelle Bonfim Pantoja
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-PA

A flâmula bege com retalhos costurados formando a sigla "CUMA", na vertical, estampa uma porta de madeira que sinaliza um convite a quem quer que passe no corredor do bloco IV do CCSE-UEPA. Foi esse convite que direcionou meus olhos àquela entrada, por muitas vezes, a caminho do Restaurante Universitário, antes que eu pudesse descobrir o mundo de experiências escondidas por trás daquela flâmula.

No fim do primeiro semestre do Curso de Letras Língua Portuguesa, em 2024, eu e alguns colegas passávamos em frente àquela porta após o último dia de aula, quando o nosso olhar curioso para a sala do CUMA foi percebido por um dos integrantes do Núcleo, que nos convidou a entrar e conhecer o espaço físico/simbólico de um grupo cujas relações e atuações se estendem para além das paredes daquela sala. Nós escutamos breves explicações sobre o funcionamento do grupo da graduação e fomos incentivados a retornar para uma conversa com a professora coordenadora do Núcleo no âmbito dos pesquisadores da graduação e figura central nessa mediação-convivência: Dia Favacho.

A conversa tímida, minha e de meu amigo Fagner Fiel com a Profa. Dra. Dia Favacho, que aconteceu semanas depois, foi uma expressão do momento embrionário em que eu me encontrava no curso de Letras e na Universidade, marcado por muitos questionamentos sobre o interesse pelo curso, a área de maior identificação dentro da pesquisa, e o papel de um estudante universitário na produção de conhecimento na graduação. Todas essas eram interrogações que me "encabulavam" e aumentavam a

desconfiança sobre que caminho percorrer na UEPA; interrogações guiadas por uma questão central: o que significa fazer parte de um grupo de pesquisa?

Ninguém nunca precisou responder a essa pergunta com palavras, pois a solução desse questionamento foi sendo construída no cotidiano dos encontros, nas conversas, nos projetos partilhados, à medida que fui me constituindo estudiosa das culturas e memórias amazônicas. Eu e Fagner começamos nossa trajetória no Núcleo dois meses e meio antes do Seminário Anual do CUMA, bem no momento em que os graduandos iniciavam seus processos de produção de pesquisa, após os meses de estudos bibliográficos, e precisávamos nos incluir nessa dinâmica. No entanto, a confiança depositada em nós dois, recém-chegados, resultou na percepção de que esse era um desafio que sempre esteve ao nosso alcance, ao qual me entreguei com apreensão e entusiasmo.

A palavra do nome "Culturas e Memórias Amazônicas" que mais me chamava atenção era "Memória", já que eu passava por um período de reconexão com as narrativas que constituem a história de minha família; uma família indígena territorializada na cidade. Porém, ainda não havia encontrado um espaço ou um direcionamento teórico que possibilitasse associar as atividades das minhas responsabilidades étnicas e militância indígena às minhas pesquisas. Foi a partir da escolha de uma temática para a pesquisa que iríamos iniciar que surgiu a ideia de relacionar os estudos sobre memória, cultura e oralidade ao processo de retomada da identidade Kamekran, em curso, na minha família.

Tudo não passava de uma ideia bastante nebulosa sobre essa relação teórica, até o momento em que tive a primeira orientação com a Professora Dia. Minha ideia e do Fagner foi muito bem recepcionada pela professora, que compreendeu o valor afetivo do trabalho que pretendíamos iniciar, apontando caminhos possíveis para nossa escrita e as lacunas que poderiam nos trazer respostas. Fiquei surpresa com a credibilidade com a qual nossas percepções foram tratadas, já que, mesmo com a disparidade de experiências na trajetória acadêmica e de vida, não houve hierarquia que pudesse se impor como obstáculo para o fluxo de trocas de saberes que naquele momento se realizava; antes de sermos encarados a partir da categoria acadêmica em que nos encontrávamos (graduandos), fomos vistos como pessoas inseridas em um processo de formação e autodescobrimento enquanto pesquisadores. Como estudantes de Licenciatura, é possível destacar que essa postura sensível e humana nos ofereceu e oferece, pela convivência, valiosos aprendizados que outros campos da formação docente na Universidade não contemplariam.

Desse modo, toda essa experiência foi o acolhimento necessário para que me integrasse mais à Universidade enquanto espaço de produção de conhecimento e para que eu entendesse que as temáticas de estudo que me interessavam (os mecanismos de condução da memória, das culturas indígenas/amazônicas, das identidades, etc.) tinham lugar no ambiente acadêmico, ainda que o grupo fosse multidisciplinar, além do tratamento dado a essas temáticas e do modo como eu poderia ser tratada enquanto mobilizadora delas.

Outro aspecto essencial sobre aquele grupo ao qual gradativamente me identificava, era a centralidade dos encontros presenciais. A professora Dia sempre fazia questão de assegurar nossa presença em corpo e voz para tomar as decisões que cabiam ao grupo, assim como para partilhar as notícias e planejar os passos seguintes. Mesmo quando tarefas importantes deveriam ser acertadas com certa urgência, nunca ouvi ninguém falar em encontro "online", "remoto", "a distância". Pelo contrário, a única urgência que se priorizava no cotidiano do Núcleo era a de alinhar as agendas de seus integrantes e assegurar que aqueles que constroem o espaço da graduação dentro do CUMA pudessem comparecer às reuniões e participar ativamente.

O caráter presencial e sensório-experiencial que constitui a pesquisa feita pelo CUMA também se materializa no Projeto Movências, que leva os estudantes do Núcleo a visitar espaços de circulação cultural e de preservação de memória. Essa parte importante das atividades do grupo de estudos e pesquisa proporciona o trânsito por espaços emblemáticos da cidade de Belém, como o Theatro da Paz, de nossas discussões e de nossos olhares compartilhados, que se voltam para o papel dos espaços de memória e de cultura amazônicas em nossas vivências como cidadãos nortistas e pesquisadores.

Já no fim dos primeiros dois meses e meio como integrante do CUMA pude fazer parte de uma das atividades mais desafiadoras e enriquecedoras no Núcleo: a produção do Seminário Anual de 2024. Cada autor ou grupo de autores de seus respectivos artigos, além de contribuir na construção do seminário, também teve um espaço para apresentar seus projetos de pesquisa em uma mesa da graduação. Lembro da professora Dia nos incentivando a encarar esse momento com a seriedade e a valorização que a oportunidade, inédita para muitos de nós, exigia. Ao fim de 2024, meu primeiro ano na graduação, o CUMA já havia me proporcionado momentos de amadurecimento, construção de autoconfiança e um novo olhar sobre o que seria trilhar um caminho na Universidade, especialmente como estudante de Licenciatura em Letras.

Minhas interações e presença no grupo podem ser tímidas, mas têm seu espaço, assim como a participação de cada estudante da graduação tem um lugar próprio na dinâmica coletiva do Núcleo. Por sua vez, a presença do grupo na minha trajetória acadêmica foi e continua sendo expressiva, já que o CUMA representou a porta de entrada para um campo fundamental de pesquisa e produção de conhecimento e práticas, isto é, as Poéticas da Oralidade e suas abordagens ímpares sobre o fenômeno da memória e do acontecimento da voz. Se um dia os meus caminhos e os desse grupo de pesquisa se desentrelaçarem dentro da academia, ficarão comigo as memórias vivificadas, as vozes que me guiaram pelos atalhos da experiência e novos contornos dados à pergunta que inicialmente me inquietava "o que significa fazer parte de um grupo de pesquisa? ".

Semovências e Permanências: o tempo da pesquisa sensível

Anos mais tarde, a porta de madeira ganharia uma flâmula bege, com retalhos costurados formando a sigla "CUMA". Naquela época, porém — dez anos atrás, para ser mais exata —, a porta ainda trazia uma pequena placa em tamanho de papel A4, onde se lia a identidade visual do grupo: CUMA. Foi por essa porta ainda despojada de símbolos que atravessei não apenas um espaço físico, mas um momento decisivo da minha formação. Eu ingressava no mestrado, orientada pela nossa fundadora[7] do CUMA, referência intelectual e coordenadora do Núcleo, a Matinta Bel, e com ela em uma forma de pesquisa que mudaria para sempre meus caminhos: a Educação Sensível, que desde o início se apresentava para além do método, era experiência vivida. O CUMA, naquele momento, foi convite ao tempo, à escuta e à convivência.

Diferente do que se costuma esperar, o mestrado foi leve. Não porque tenha sido desprovido de rigor, mas porque, no CUMA, nunca caminhamos sozinhos. Ali, aprendi que pesquisar é também dar as mãos a quem veio antes, reconhecer trajetórias, escutar percursos já trilhados e aceitar que o conhecimento não se constrói de maneira insular. O conceito de Educação Sensível, formulado por Bel Fares, não era apenas debatido: era vivido no cotidiano do Núcleo, outros pesquisadores e pesquisadoras do grupo também se debruçavam sobre esse conceito, cada pesquisa, a seu modo, tensionava, expandia e experimentava essa noção, fazendo com que ela se tornasse cada vez mais sólida e viva. O conceito não se fechava em uma definição única; ao contrário, ganhava corpo na

[7] Junto com Bel Fares O Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas foi fundado pelas professoras Renilda Bastos, Vasti Araújo e Venize Rodrigues.

diversidade dos objetos, das experiências e das escritas que se cruzavam. A sensibilidade se afirmava como horizonte comum em nossas pesquisas.

Foi também nesse percurso que passei a integrar o GRIOT, grupo de contadores de histórias do CUMA, idealizado e coordenado pela professora Dra. Renilda Bastos, essa experiência deslocou profundamente minha relação com a palavra. A palavra deixou de existir apenas na letra e passou a sair do corpo, sustentada pela voz e pelo silêncio. Entender como uma palavra cabe no meu corpo exigiu outra escuta e outro tempo; ensinou-me que a palavra dita carrega marcas, afetos e memórias que a letra, sozinha, nem sempre alcança. No GRIOT, compreendi que a voz é também forma de conhecimento e que dizer a palavra é gesto de presença e entrega a quem escuta.

Lembro do meu primeiro Seminário Anual do CUMA, naqueles dois dias entendi que o Seminário era o momento em que leituras, discussões e incertezas encontravam acolhida em um espaço no qual a experiência dos que já haviam passado pelo mesmo caminho não se impunha como modelo fechado, mas como gesto de cuidado. Nas mesas de debates havia sempre alguém disposto a escutar, a comentar um texto ainda em formação, a lembrar que a pesquisa também amadurece no tempo.

E como foi bonito esse caminho, cada dissertação defendida era uma festa. Os integrantes do Núcleo estavam sempre presentes e foi com muita alegria que, ao defender a minha dissertação — *Para tirar a poesia do Olimpo: poéticas amazônicas por uma Educação Sensível* —, vi nos olhos de Dia Favacho, Dani Lobato, Lívia Faro, Margareth Brasileiro, Patrícia Becker, Tereza Vasconcelos e Luciana Amoras (para citar apenas alguns nomes) algo que sinalizava não o encerramento de um trabalho individual, mas a existência de um percurso coletivo que seguia adiante. É comum que, depois da defesa, os vínculos com os grupos de pesquisa se afrouxem. O término do mestrado costuma funcionar como marco de passagem: novos projetos, outras instituições, diferentes movimentos. No meu caso, porém, a relação com o CUMA não se encerrou ali. Mesmo ao seguir para o doutorado em outra instituição e integrar outro grupo de pesquisa, permaneci no CUMA.

Permaneci. Porque o CUMA continuava sendo um lugar de escuta e elaboração, um espaço ao qual eu retornava para pensar, partilhar e aprender. A experiência em outros contextos acadêmicos, com novos referenciais e práticas de pesquisa, longe de me afastar, tornou ainda mais evidente a singularidade daquele Núcleo e o modo como ele havia marcado profundamente minha formação. E permanecer foi — e segue sendo — forma renovada de entrada. Viver esse Núcleo não é uma experiência pontual, circunscrita a um

período formativo ou a um projeto específico; é um acontecimento que se atualiza no tempo, um modo de viver a pesquisa que se reapresenta a cada encontro, a cada escuta, a cada escrita que se deixa atravessar. E como a gente foi e é feliz no CUMA. Tanta coisa, mas dessas vivências destaco duas:

Em 2019, vivemos um dos momentos mais intensos dessa trajetória coletiva: a organização do Seminário Brasileiro de Poéticas Orais, que acorreu no arquipélago do Marajó. Foi um evento construído por muitas mãos, numa equipe unida, em que cada detalhe carregava o desejo de fazer da pesquisa uma experiência viva. Entre travessias de barco, conversas demoradas e escutas partilhadas, experimentamos dias que ultrapassaram a dimensão acadêmica. Ali, teoria e território se encontraram de modo indissociável, e a Poética Oral para além de objeto de estudo era presença concreta, corpo, voz e comunidade. Foram dias que ainda ecoam como confirmação de que a pesquisa sensível se faz também em deslocamento, em convivência e em celebração.

No ano seguinte, 2020, fomos atravessados pela devastação da pandemia. O isolamento, o medo e as perdas nos atingiram profundamente. Ainda assim, decidimos realizar o seminário de forma remota. Não era apenas uma questão de calendário ou de continuidade institucional; era uma forma de nos sustentar. Reunir-nos, mesmo através das telas, tornou-se gesto de resistência e cuidado. E foi lendo *Companheiras,* de Eneida de Moraes, para os integrantes do CUMA que todos choramos, porque precisávamos trocar afetos, escutar nossas vozes, lembrar que permanecíamos. Se em 2019 o encontro se deu na travessia das águas do Marajó, em 2020 ele aconteceu na travessia do luto e da incerteza. Em ambos os casos, o que se reafirmava era a força do nosso coletivo.

No percurso de escrita da minha tese, sempre trazia comigo o modo CUMA de fazer pesquisa: escutar memórias, vozes, narrativas, textos e pessoas exige suspender a urgência de nomear, classificar ou concluir. Aprendi que a palavra teórica só ganha densidade quando aceita nascer depois da experiência, quando se deixa afetar pelo que escapa às categorias prontas. Essa aprendizagem atravessou minha escrita acadêmica e semoveu também a forma como passei a ler, a ensinar e a me relacionar com o conhecimento. Foi vivendo cotidianamente uma pesquisa que não separa rigor e sensibilidade, teoria e vida, escrita e escuta que pude escrever e defender uma tese sobre a Semovência[8].

[8] Conceito que trago em minha tese de doutorado sobre o movimento que há entre voz-letra-voz na poesia da Amazônia.

Não se trata, portanto, de um percurso apenas intelectual. O corpo também pesquisa. A voz, o cansaço, o silêncio e a emoção fazem parte do processo. No CUMA, a pesquisa nunca se apresentou como exercício de neutralidade absoluta, mas como prática implicada, em que o pesquisador é alguém que sente, se transforma e carrega marcas daquilo que escuta. Essa dimensão corporal da pesquisa, tantas vezes deslegitimada, sempre foi reconhecida como parte constitutiva do saber ali produzido.

Ao longo de quase dez anos de convivência, aprendi que um grupo de pesquisa não se define apenas por seus objetos, mas sobretudo pelo tipo de atenção que cultiva. O tempo ali é convocado a outro regime — para lembrar nossa coordenadora Dia Favacho, o regime crepuscular [9](!): o tempo de(vagar), [10]da maturação, da experiência que não se esgota no dado nem se reduz ao produto. Permanecer nesse grupo foi compreender, desde cedo, que pesquisar também é sustentar processos que não cabem nos calendários cartesianos. Permanecer em um grupo com essa orientação não é gesto isento de escolhas.

Quando concluí o doutorado, outra travessia se impôs: a maternidade. Foi também nesse momento que o cuidado do Núcleo se fez sentir de outra forma. Os integrantes do CUMA organizaram um chá de bebê para receber o Bem. Naquele período de suspensão, em que eu aprendia a ser mãe, vivi pela primeira vez a experiência de não participar ativamente da organização do seminário do grupo. Doeu. Doeu porque estar ali, ajudando a pensar, organizar e sustentar esse encontro, sempre foi parte do meu modo de pertencer. Ainda assim, fui ao seminário, com o Bem nos braços, para que meu filho pudesse conhecer o espaço que havia formado a mãe dele — como quem apresenta um pedaço da própria história.

Ser do CUMA transborda os limites do Núcleo e da pesquisa *stricto sensu*. Faz-se presente na docência, na relação com os alunos, na maneira de mediar leituras e de ouvir, no reconhecimento de que o conhecimento também se constrói no encontro. O CUMA não é apenas um espaço de passagem; e ficar é também assumir responsabilidades: zelar por um modo de pesquisar que resiste à pressa, questiona o produtivismo e afirma a experiência como dimensão legítima do conhecimento.

Nosso Núcleo CUMA tem essa identidade formativa que permanece em seus membros mesmo quando os projetos se encerram e os caminhos semovem. Depois de dez

[9] Conceito desenvolvido pela Dra. Dia Favacho em "Educação Sensível na voz de Calados: poesia e memória em regime crepuscular (2018).
[10] Maneira de dizer sobre o tempo que Dia Favacho tantas vezes me disse ou escreveu em tantas de nossas trocas.

anos, percebo que a pergunta inicial — o que significa fazer parte de um grupo de pesquisa? — já não se sustenta da mesma forma. Hoje, talvez a questão seja outra: o que muda em nós quando permanecemos? Ficar também é semover. É aceitar que a pesquisa, quando Sensível, nos transforma no mesmo movimento em que tentamos compreendê-la. O CUMA acolhe, forma e semove — e ensina que toda permanência verdadeira é também uma forma de movimento.

Referências

FAVACHO. Dia. **Educação Sensível na voz de Calados**: poesia e memória em regime crepuscular. Belém, Paka-Tatu, 2018.

PANTOJA, Roberta Isabelle. **A Semovência da poesia da Amazônia**. 2023. Orientador: Luís Heleno Montoril del Castilho. Tese - Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Federal do Pará, 2023.

SOBRE AS AUTORAS

Naira Kamekran
Estudante de Letras Língua Portuguesa pela UEPA e integrante Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA).

E-mail: : nairakamekran@gmail.com

Roberta Isabelle Bonfim Pantoja
Doutor em Letras (UFPA). Mestre em Educação (UEPA). Licenciada em Letras (UEPA), Especialista em Língua Portuguesa e Análise Literária (UNAMA). Desenvolve pesquisas na área de Literatura da Amazônia, Poesia da Amazônia e poéticas orais. Tem experiência em pesquisa no ensino superior nas áreas de Letras e Educação na Amazônia. Com interesse nas áreas: poéticas orais, Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, Ensino e Aprendizagem da Literatura, Literatura da Amazônia, Literatura Comparada, Literatura e outras artes. Membro do Grupo de Pesquisa Makunaíma: Literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina do CNPq/PPGL/UFPA. Membro do Núcleo de Pesquisas e Memórias Amazônicas CUMA (UEPA). Integra o GT de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística- ANPOLL. Mediadora do grupo de Leitura Leia Mulheres Belém.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0741-4615
E-mail: isabellebpantoja@gmail.com

Recebido: 26/08/2024

Aprovado: 29/10/2014

REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

NÓS, NO SEMINÁRIO DO CUMA?!

Prof. Dr. Fernando Farias

"Vamos trabalhar sério e com alegria nesse ano. É necessário, como em todas as nossas ações aqui no grupo. E no final do ano, ah, no final do ano... nós iremos para o evento acadêmico mais importante das nossas vidas...vocês vão ver!"

Essa ideia eu repeti aos meus alunos e alunas em cada encontro, em cada orientação, em cada incentivo aos entusiasmados jovens que me ajudavam a formam o recém-criado Grupo de Estudos e Pesquisas Fontes Literárias, da UFPA-Altamira. A participação no Seminário do CUMA, em minha vivência e descrição, se apresentava como a perfeita coroação por um ano de trabalho.

"Só iremos se as sub pesquisas forem bem desenvolvidas, hein?".

Apresentada a meta maior do grupo, Carla Silva, Felipe Cosmo, Iago Araújo, William Silva e Ana Paula Souza toparam mergulhar comigo na obra *Chão dos Lobos*, do Dalcídio, e investigar no romance algo significativo e digno de se apresentar no fecundo Seminário que o professor fazia questão de recordar e posicionar como um oásis na UEPA da Djalma Dutra, o conhecido CCSE (Centro de Ciências Sociais e Educação).

Talvez, a comparação a um oásis não seja tão precisa, é verdade. CCSE e CUMA podem ser definidos como um oásis dentro do outro. Possivelmente essa analogia seja mais acertada. Quem estudou na UEPA-CCSE sabe do que falo. Quem passou ou faz parte do CUMA compreende, colabora para essa percepção e sentimento.

Ali não temos somente uma formação acadêmica. Ali temos uma formação para a vida. Talvez tenha mudado as relações, a produção de conhecimento no CCSE, é bem verdade. Mas o nosso saber-fazer/saber-pensar no CUMA segue exatamente com o mesmo *ethos*. Nossas ações parecem humanizar (e de tal modo valorizar) o pesquisador e o pesquisado, a obra e o autor, a distância necessária e o envolvimento afetivo necessário nas diferentes ações acadêmicas. No CUMA, é possível ser pesquisador experiente e pesquisador novato, lado a lado, sem o peso e o ar opressor, o clima de cobrança, de disputa e julgamento inferiorizante que muitos grupos de estudos e pesquisas carregam. Era essa experiência que eu queria proporcionar aos meus alunos, ainda que breve, mas possível... Então batalhamos, mês após mês, até que chegou o final do ano...

“Bem. A Carla irá abordar as questões do feminino. O Felipe os aspectos da Arquitextualidade. O Iago vai de Festas Populares. O William apresentará as imagens de professoras do romance; e a Ana Paula a leitura sobre os fluxos migratórios dos personagens”.

Após o anúncio, o silêncio imperou em nosso meio. Eles, surpresos, me olharam meio que pressentindo o que eu estava falando. Em um misto de surpresa e euforia com o painel exposto, um deles, já expressando certo contentamento, resolveu quebrar o suspense e perguntar:

“Nós, no Seminário do CUMA?!”

“Exatamente”, respondi sem hesitar. “Nós todos iremos pro Seminário do CUMA”.

A alegria foi tamanha, o sentimento de conquista/realização foi transbordante em todos nós. Eu e meus alunos e alunas, meus amigos de vida e academia nos encontrávamos felizes com a possibilidade que se apresentava. Dali seguimos, na semana seguinte, para a montagem das apresentações, o levantamento de recursos para a viagem Altamira-Belém-Altamira... a contagem regressiva para o encontro com os pesquisadores e pesquisadoras do CUMA que o professor tanto falava...

Já em Belém, no dia de nossa socialização no Seminário, cada um fez sua apresentação, eu julgo, satisfatória. A cada fala, a cada gesto, a cada explicação de Carla, Felipe, Iago, William e Ana Paula meu coração se enchia de alegria! E assim seguimos entre exposições de pesquisas e atividades de extensão; comidas deliciosas no sagrado almoço do grupo, trocas de carinhos e experiências. Retornamos para Altamira maravilhados com aquele dia.

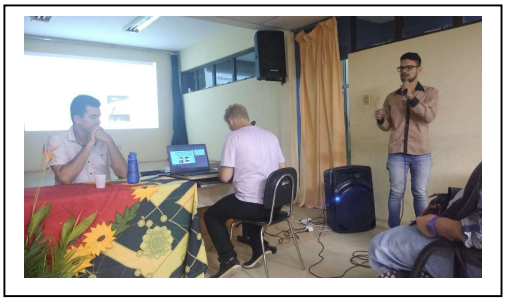
Hoje, cada um seguiu seu caminho. Se tornaram homens e mulheres que, certamente, carregam e suas práticas, muito do que aprenderam em nosso Grupo em Altamira, muito do que vivenciaram naquele sonhado Seminário do CUMA.



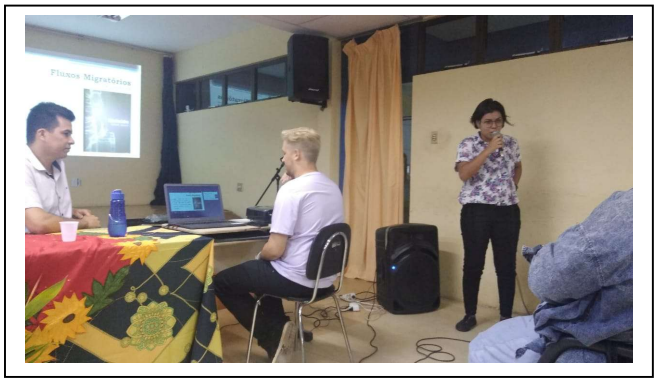












SOBRE O AUTOR:

Fernando Jorge dos Santos Farias Doutor pela Universidade de São Paulo (USP) e Mestre pela Universidade do Estado do Pará (UEPA, com intercâmbio pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro PUC-Rio). Líder do Grupo de Estudos e a Altamirense de Letras (Membro Perpétuo) e da Academia Igarapemiriense de Letras (Acadêmico correspondente). Atualmente, é coordenador do Curso Letras Português e pesquisador do quadro efetivo da Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir UFPA/Altamira. E-mail: ffarias@ufpa.br

Contato: fpsirico@gmail.com

Recebido: 10/09/2025

Aprovado: 29/10/2024